



BIBLIOTHECA UNIVERSAL
ANTIGA E MODERNA

ALVARES DE AZEVEDO

O POEMA DO FRADE

COM UMA NOTICIA BIOGRAPHICA DO AUCTOR

15.ª SERIE — NUMERO 60



LISBOA
COMPANHIA NACIONAL EDITORA

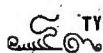
Successora de DAVID CORAZZI e JUSTINO GUEDES

40—Rua da Atalaya—52

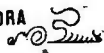
F. LAE3: Praça de D Pedro, 127, 1.º andar, PORTO

38, rua da Quitanda, RIO de Janeiro

1890



TYPOGRAPHIA DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA



309, Rua da Rosa, Lisboa

1890



NOTICIA BIOGRAPHICA

Alvares d'Azevedo (Manoel Antonio). Nasceu este illustre poeta brasileiro na cidade de S. Paulo, em 12 de setembro de 1831, ás duas horas da tarde, sendo filho do dr. Ignacio Manuel Alvarès de Azevedo e de D. Maria Luiza Silveira da Motta.

Aos 2 annos de idade levaram-n'o seus paes para o Rio de Janeiro, e aos 5 tiveram prestes a malograr-se as esperanças que depositavam carinhos s n'aquelle fructo do seu amor: — a creancinha adoecera perigosamente, e, salva a custo, ficou-lhe sempre como resultado d'ahi certa debilidade physica que inspirava cuidado, e que mais tarde, quando Alvares de Azevedo em 1840 entrava para um collegio, fazia com que o intelligente alumno fosse de todos os collegiaes o ultimo na aula de gymnastica, ao passo que era o primeiro em todas as outras aulas, a ponto de causar o espanto de todos os seus professores, que prognosticavam n'elle *um Brasileiro que rivalisaria com as primeiras capacidades da Europa.*

— “E’ a capacidade intellectual mais rara que tenho

“encontrado na America em creanças d'esta idade!”, dizia Stoll, o director do collegio.

E já n'esse tempo, simultaneamente com o progresso que fazia no curso de humanidades, se revelava extraordinaria a paixão de Alvares de Azevedo pelos seus queridos poetas, cuja leitura lhe absorvia deliciosamente a attenção. O grande poema epico *Lusiadas* do nosso Luiz de Camões foi o seu primeiro livro favorito.

Aos 10 annos escrevia em francez os seus primeiros versos allusivos ao anniversario natalicio de seu pae.

Por essa mesma época foi uma vez o director do collegio surprehendel-o fechado n'uma sala com outros collegiaes em pleno desempenho de um entremez phantasiado pela travessura da creança, e o proprio Stoll ficou attonito de se vêr tão admiravel e espirituosamente reproduzido pelo infantil actor no modo, nos gestos e na fala.

Mas a pertinaz teimosia da molestia pronunciou-se novamente em 1844, a ponto de que o adolescente foi obrigado a trocar durante mezes o clima do Rio pelo da sua terra natal, indô ahi em companhia do seu tio o dr. José Ignacio Silveira da Motta procurar elementos para reconstruir a sua precaria saúde. Alvares de Azevedo que era já então versadissimo não só nas linguas franceza, ingleza e latina, como tambem em historia e geographia, despedia-se de sua irmã escrevendo-lhe versos n'um album.

No regresso para o Rio de Janeiro foi durante algum tempo discipulo do barão de Planitz, e em 1845, depois dos brilhantes exames que fez, matriculou-se como interno nas aulas que constituiam o 5.º anno do curso do Collegio de D. Pedro II.

Ahi o intelligente moço continuou a justificar a reputação de que gozava, e a par do cultivo da litteratura certas tendencias epigrammaticas, que mais tarde

deviam pronunciar-se nos seus versos, e de que já o episodio do entremez no collégio de Stoll fôra um renúncio, denunciavam-se agora pelas chistosas caricaturas que desenhava, ridicularizando espirituosamente os empregados do estabelecimento, sem se preocupar com as horas de reclusão que por varias vezes lhe rendiam essas *picarescas* travessuras.

Durante todo o tempo, que permaneceu pensionista no collegio de D. Pedro II, o amor pelas cousas litterarias foi sempre tomando incremento, já na traducção de muitos trechos poeticos dos auctores que mais o encantavam, já inclusivamente escrevendo varias composições originaes, primicias de esplendido talento que n'aquelle despreoccupado viver do adolescente se perderam quasi todas.

Em 1847 recebeu com distincção o grau de Bacharel em Letras, e em 1848 foi para S. Paulo frequentar o curso de jurisprudencia.

Ahi é que começa devéras a carreira litteraria de Alvares de Azevedo. A par dos profundos conhecimentos que adquiriu na sciencia juridica, especialmente em Direito Mercantil a que particularmente se dedicava, o poeta passava horas e horas já compulsando as obras primas da litteratura brazileira, portugueza, franceza, ingleza, allemã, hespanhola e italiana, já entregando ao papel as locubrações originalissimas do seu brilhante espirito.

Foi então que publicou uma analyse critica do *Jacques Rolla* de Musset, e varias poesias (algumas sem o nome do auctor). Foi então que collaborou nos *Essaios Litterarios do Athenaeo Paulistano*, periódico publicado por esse tempo na cidade de S. Paulo. Quando estudante do 2.^o anno, teve occasião de recitar como representante dos seus collegas um formoso e substancial discurso na festa academica destiuada a commemorar o

anniversario da criação dos cursos juridicos no Brazil, discurso em que, de involta com uma profusão de conhecimentos que assombra, discute a missão das Academias. No anno seguinte coube-lhe egualmente discursar ácerca da influencia politica d'essa missão, quando se inaugurou a Sociedade Academica *Ensaio Philosophico Paulistano* de que Alvares de Azevedo foi socio fundador. Ha d'elle tambem varias allocuções sentidissimas pronunciadas junto á sepultura de alguns condiscipulos seus.

Mas, a par dô phrenezi successivamente crescente no desabrochar das suas producções litterarias, Alvares de Azevedo foi de dia para dia trocando a indole jovial, que o caracterisava, por um temperamento tristonho e altamente melancolico: — no 4.º anno juridico estas tendencias para a concentração cresceram sobre maneira; abandonou até o quarto em que vivia com outros collegas. e foi viver sósinho.

Ahi parecia que uma febre ardente o devorava, um presentimento de que morreria em breve e de que era preciso vasar d'aquelle cerebro para fora o tumultuar de idéas que lá dentro se atropellava, antes que a morte se lhe sellasse nos labios de uma vez para sempre.

A debilidade da sua constituição ia-se pronunciando cada vez mais, e quando nas ferias do 4.º anno voltou para o Rio de Janeiro a repousar no seio de sua familia, a tristeza e o presentimento do seu proximo fim sombreavam-lhe quasi constantemente o seu pensar intimo, embora uma ou outra vez um sorriso a mentir e uma jovialidade artificial pretendessem disfarçar o que ia no coração.

No curso juridico de S. Paulo succedera a coincidência de haver consecutivamente fallecido durante tres ou quatro annos um estudante quintannista; n'uma

parede do quarto habitado por Alvares de Azevedo estavam escriptos a lapis e formando série os nomes d'esses estudantes com a era do fallecimento, e por baixo de todos tinham marcado o anno de 1852 com um espaço em branco reservado para o nome que a fatalidade designasse ter de alli se inscrever. Alvares de Azevedo repetia amiudadas vezes que seria o seu nome o inscripto alli.

Uma vez entrou sua mãe no gabinete do filho, e foi encontral-o encostado á secretaria; acabava elle de escrever os sentidissimos versos que começam pela seguinte estrophe:

*Se eu mor, esse amanhã viria ao menos
 Fechar meus olhos minha triste irmã!
 Minha mãe de saudades moricria,
 Se eu morresse amanhã!*

Afinal o presentimento... tinha de realizar-se. Em 10 de março de 1852 cahiu no leito o desventurado mção, em 25 de abril ás 5 horas da tarde deixou de existir aquelle extraordinario talento, ao qual faltava apenas o cursar do derradeiro anno juridico para ser nos auditorios brazileiros um dos mais esplendidos ornamentos.

Já no escriptorio de seu pae (que era advogado), manuseando os autos que durante as ferias este lhe confiava, teve Alvares de Azevedo occasião de revelar-se nos sabios pareceres que escreveu; — e só as annotações, de que estavam repletas as margens dos seus compendios d'aula, dariam materia para um interessante volume.

A sua morte foi chorada no Brazil como um desfôlhar de esperanças, mais ainda, como uma verdadeira perda nacional.

À beira da sua sepultura fôram pronunciados varios

discursos. O jornalismo consagrou-lhe sãudosos artigos. O *Ensaio Philosophico Paulistano* celebrou uma sessão exclusivamente commemorativa d'aquelle benemerito socio e occupada pela recitação de eloquentes discursos e poesias allusivas. O dr. Domingos Jacy Monteiro pronunciou em sessão solemne do *Gymnasio Brasileiro* um elogio biographico do illustre finado.

O que seria Alvares de Azevedo, se a morte o não ceifasse no verdor dos annos? seria um prodigio? ou já a natureza teria dado quanto havia a dar através d'aquelle febril e vertiginoso escrever dos ultimos mezes? A primeira hypothese é a mais accetavel, porque no meio de tudo, sendo Alvares de Azevedo já, pelo que apenas deixou, um dos mais gloriosos nomes da litteratura brazileira, é todavia facil perceber pelo estylo ás vezes hesitante e ainda não bem assente como deveria ficar, é facil perceber que estava ainda por se individualisar a verdadeira feição d'aquelle genio, que oscillava offegante através da sua erudição vastissima entre Byron e Goethe, entre Schiller e Lamartine, entre Shakspeare e Victor Hugo, entre Espronceda e Henrique Heine, entre Millevoie e Garrett, entre Dante e Klopstock; absorto perante o esplendor d'estes e d'outros fachos litterarios, mas sem ter no fim de tudo accentuado ainda as suas tendencias.*

Gracioso hoje e delicado nas suas composições, ironico e chocarreiro no dia seguinte, aqui suave e melancholico, alli apaixonado e lyrico, acolá discursando através dos mais graves e complicados problemas de philosophia, mais adeante sceptico, epigrammatico e caustico, para em seguida ser um vaso inexaurível de ternura e de sentimento, librando-se agora nas azas irisadas da phantasia para logo se desentranhar no pungir da gargalhada mephistophelica, e sempre adiante através de um mundo vastissimo como o pensa-

mento, — o cerebro de Alvares de Azevedo era um vulcão incandescente, um cadinho onde se agitavam elementos preciosísimos, cuja synthese resultante deveria ter sido um verdadeiro assombro quando se chegasse a realisar.

Elle proprio, como que o adivinhava ao escrever a seguinte estrophe :

*Quanta gloria presinto em meu futuro !
Que au ora de porvir e que manhã !
Eu perdera chorando essas corous
Se eu morresse amanhã !*

Elle proprio, como que o presentia nas ultimas palavras que proferiu ao soltar o derradeiro suspiro: — *Que fatalidade, meu pae!*

Em 1853 foi publicada no Rio de Janeiro a 1.^a edição das suas *Obras* em 2 vol., edição logo esgotada. Em 1862 appareceram successivamente na mesma cidade a 2.^a e 3.^a edição em 3 vol. que abrangem, além dos escriptos do auctor, a collecção dos principaes discursos que por sua morte recitaram os litteratos do Brazil.

Os tres volumes das *Obras de Alvares de Azevedo* comprehendem prosa e verso.

Os escriptos em prosa são os seguintes: 1.^o varias *Cartas* interessantissimas; 2.^o a *Analyse critica* do poema *Jacques Rolla* de Alfredo de Musset; 3.^o a *Analyse critica* de *Alto o Rimador* de Jorge Sand; 4.^o *Discursos academicos*; 5.^o *Orações funebres*; 6.^o Dissertação ácerca de *Lucano*; 7.^o Carta ácerca do *theatro brasileiro*; 8.^o *Puff* (considerações sobre esthetica dramatica); 9.^o *Macario* (composição dramatica); 10.^o *Noite na taberna* (serie de contos originalissimos); 11.^o *Estudos litterarios (Litteratura e civilisação em Portugal)*.

Esta ultima obra é dividida em 3 secções precedidas por um prologo. O prologo tem tres capitulos que se

intitulam: *Litteratura do Norte; Arabes; India*. A 1.^a secção intitula-se *Portugal* e abrange dois capitulos: *Hispania; Lusos e portuguezes*. A 2.^a secção intitula-se *Phase heroica* e abrange dois capitulos: *Ferreira e Camões*. A 3.^a e ultima secção intitula-se *Phase negra* e occupa-se de *Bocage*.

As obras em verso comprehendem: 1.^o a *Lyra dos vinte annos*, collecção de poesias delicadissimas, em que se torna difficil extremar esta ou aquella, e em que os generos são variadissimos, merecendo especial menção os *Bohemios* (acto de uma comedia não concluida) e *Spleen e charutos*; 2.^o as *Poesias diversas* em que está concluido o extravagante poemetto da *Gloria moribunda*, que tem por assumpto a morte do poeta Bocage; 3.^o *O poema do frade*, que offerecemos aos leitores da nossa *Bibliotheca*, no presente volume.

Aqui em Portugal Lopes de Mendonça consagrou a este escriptor um artigo critico nas suas *Memorias de litteratura contemporanea*. O *Archivo Pittoresco*, semanario que se publicou alguns annos em Lisboa, tambem lhe consagrou algumas paginas.

Fernando Wolf na sua *Histoire de la littérature brésilienne* marca-lhe um logar muito notavel entre as glorias litterarias do Brazil.

O POEMA DO FRADE

DON JUAN.

Ce que je crois ?

SGANARELLE.

Oui

L'ON JEAN.

Je crois que deux et deux sont quatre,
Sganarelle, et que quatre et quatre son huit.

MOLIÈRE, *Don Juan*, acte III, sc. I.

CANTO PRIMEIRO

Man being reasonable must get drunk,
The best of life is intoxication. . .

BYRON, *Don Juan*.

I

Eia! acorde-se a gloria aos meus lamentos
Com as faces de sangue salpicadas!
Tremam nos cantos meus da lide aos ventos
As gottejantes lucidas espadas!
Revolvam-se raivando macilentos
Os cavalleiros das nações passadas!
Brilhem as multidões ao sol ardente
Com as nuvens dourendas do poente!

II

N'essas lividas mãos rompa-se a lyra!
Além canções cheirosas como o nardo
Que nos festins da noite o vinho inspira!
Não vêdes que da guerra aos sonhos ardo?
Não vêdes que meu cerebro delira
E arqueja em fogo o coração do bardo,
E como um rei trocára o meu laurel,
Meu reino — por um ferro e um corse! (1)

(1) SHAKESPEARE, *Richard III*: - My kingdom for a horse! -

III

Como das grutas de Fingal na bruma
Do norte a ventania se derrama;
Como roda o tufão no mar que espuma;
Como a cratera do volcão se inflamma;
Como a nuvem de fogo ao ar se apruma
Assim no peito meu o estro em chamma
Agita-me, afogueia o peito langue
E como as aguias. só anhela sangue!

IV

Mas em que mar cavado eu me perdia!
De errante pescador leve canôa,
Que rajada nas aguas te impellia
Por entre essa tormenta que rebôa?
Minha alma é um balão: na calmaria
Boia placido no ar, gentil se escôa,
Embala-se voando mollemente,
Mas teme a trovoadá que o rebente!

V

Ó lá soffrêa-te, corsel selvagem!
Por que banhas-te em sangue entre a peleja
E nos espinhos roças da folhagem?
Não vês o tressuar que te poreja
No abafado calôr d'essa bafagem?
Não sentes que a peituga te lateja?
E a onda louca da sanguenta raiva
As tuas crinas candidas enlaiva?

VI

Além! além! e tu, lyra mimosa,
— Que do lago nas selvas esquecida
Eu votei a uma fada vaporosa
Que nas folhas estende-se dormida. —
Vem, minha lyra, canta-me saudoza
Alguma nenia pallida, sentida,
Algum sonho que as folhas balouçando
Te gemesse nas cordas expirando!

VII

•
Ou enquanto meu calice transborda
Corrallino licôr, e um puro Havanna
Sonhos da vida no vapor me acorda,
Venha o rosto gentil da Sevilhana,
Ou d'harpa aëria tenteando a corda...
Ao luar a lasciva Italiana,
Co'as roupas de velludo desatadas
E a madeixa em torrentes perfumadas.

VIII

Quero a orgia que á noite desvaria
Quando fresco o luar no céu fluctúa
E a vaga se pratêa de ardentia!
Perfumes, flôres, a vertigem sua
Vertendo no festim que me inebria!
Lasciva a dança voluptuosa e núa
Nas rosas que desfolho trepidando!
Pagens louros as taças corôando!

IX

E as roupas onde o seio transparece
As fórmãs cristallinas desenhando,
Collos onde o suor limpido desce
Nos seios como perolas rolando,
Labios que um beijo cálido emmudece,
E as tremulas madeixas ondeando,
E a walsa que se agita e que resvala
E entre perfumes lubricos se embala.

X

Trovas cheias de amor, que afogam beijos
E o afan a ondular os niveos seios,
O collar que na alvura se palleja,
E o olhar que enlanguéce nos enleios;
Vestés soltas ao fogo dos desejos,
E respirando os labios devaneios
Amantes, e o Xerez em taças bellas
E a embriaguez mais louca em meio d'ellas!

XI

E após, ebrio de amor, no froixo leito
Entre os aromas de esfolhadas flôres
Quero dormir co'a loura peito a peito,
No labio o labio d'ella — as vivas côres
Quero-as vêr desmaiar n'um ai desfeito!
Amal-a no luar, viver de amores!
Ó noite! da illusão que a vida esquece
Que mais dôce tremor nos enlanguêce?

XII

Amo nas tardes de verão, correndo,
A viração dos laranjaes em flôr,
Na praia solitaria, a sós gemendo.
A pensativa languida o pallôr
Entre as mãos melindrosas escondendo!
Amo no baile a incendida côr
Da donzella na dansa estremecida
Como uma borboleta á luz da vida!

XIII

Mas eu amo inda mais sentir no seio
A alma cheia de febre e de esperanças.
E a timida donzella de receio
Pender a fronte nas cheirosas tranças;
Amo inda mais no labio ardente e cheio
De amor que passa e aroma-lhe as lembranças.
— E quando o olhar afoga-se em desejo —
Implorar illusões, pedir um beijo!

XIV

Escutae-me, leitor, a minha historia.
É phantasia sim, porém amei-a.
Sonhei-a em sua pallidez marmorea
Como a nympha que volve-se na areia
Co'os lindos seios nús... Não sonho gloria:
Escrevi porque a alma tinha cheia
— N'uma insomnia que o spleen entristecia —
De vibrações convulsas de ironia!

XV

Mas não vos pedirei perdão comtudo :
Se não gostaes d'esta canção sombria,
Não penseis que me enterre em longo estudo
Por vossa alma fartar de outra harmonia !
Se varío no verso e idéas mudo
É que assim me desliza a phantasia...
Mas a critica, não... eu rio d'ella...
Prefiro a inspiração de noite bella!

XVI

A critica é uma bella desgraçada
Que nada cria, nem jámais creara ;
Tem entranhas de areia regelada :
É a esposa de Abrão, a pobre Sara
Que nunca foi por Anjo fecundada :
Qual a mãe que por ella assassinára
Por sua inveja e vil desesperança
Dos mais santos amores a creança !

XVII

O meu imaginar é um navio
Que entre as brisas da noite se perfuma,
Que á placida monção do morno estio
Resvala pelo mar á flôr da escuma !
E da noite no fresco e no arrepio
Das vagas a gemer uma por uma
Sobre a quilha que languida se escôa
Os marinheiros vão dormir na prôa.

XVIII

E dorme o capitão : e dorme e sonha
Aos fumos do charuto rescendente,
E do rum nos vapores vem risonha
Nas scismas lhe dansar alegremente,
Esquecer-lhe a viagem enfadonha
A Andalusia gentil de labio ardente ;
E embala-se em monotono descante
Sonhando os seios da morena amante!

XIX

O marujo a dormir no chão immundo
Sonha o riso da nedia taverneira,
Da terra a folga, o vinho rubicundo
E nas mezas da tasca a bebedeira!
Ai! coitados de nós! todo esse mundo
Não vale do sonhar a huri faceira!
— Diz-lo o nauta no mar, o rei no throno:
Da vida tudo o mais não val o somno!

XX

E que durmam! se a languida ventura
No regaço cheiroso os adormece!
E que durmam! se é muito fresca e pura
A noite de sonhar que a vida esquece!
E se quando se dorme nodoa impura
Nem os lyrios do amor amarellece,
E a estrella não vacilla e cae na treva...
Assim meu pensamento — um sonho o leva

XXI

Quando a lagrima sinto que tressua
N'uma palpebra rôxa e desbotada,
Então minha alma tem na lyra sua
Uma corda por ella perfumada!
E quando eu amo ao clarão da lua
N'um olhar de morena desmaiada
E o labio em sêde fervida me inflamma,
O meu peito canções de amor derrama!

XXII

Quando gelou-se moribundo o peito
Que um amor insensato consumia
No deserto lodaçal, em frio leito,
Houve por elle o ai de uma harmonia:
N'um coração ás lagrimas affeito,
Um adeus á flôr que se perdia
Um adeus á lembrança do passado!
Uma saudade em chão abandonado!

XXIII

Frouxo o verso talvez, pallida a rima
Por estes meus delirios cambaleia,
Porém odeio o pó que deixa a lima
E o tedioso emendar que gela a veia!
Quanto a mim é o fogo quem anima
De uma estancia o calor: quando formei-a
Se a estátua não sahio como pretendo:
Quebro-a — mas nunca seu metal emendo!

XXIV

Meu heroe é um moço preguiçoso
Que viveu e bebia por ventura
Como vós, meu leitor... se era formoso
Ao certo não o sei. Em mesa impura
Esgotara com labio fervoroso
Como vós e como eu a taça escura.
Era pallido sim... mas não d'estudo:
No mais... era um devasso e disse tudo!

XXV

Dizer que era poeta — é cousa velha:
No seculo da luz assim é todo
O que heroe de novellas assemelha.
Vemos agora a poesia a rôdo!
Nem ha nos botequins face vermelha,
Amarello caixeiro, alma de lodo,
Nem Bocage d'esquina, vate immundo,
Que não se creia um Dante vagabundo!

XXVI

O meu não era assim: não se imprimia.
Nem versos no theatro declamava!
Só quando o fogo do licôr corria
Da fronte no pallôr que avermelhava,
Com as convulsas mãos a taça enchia.
Então a inspiração lhe afervorava
E do vinho no effluvio e nos resabios
Vinha o fogo do genio á flôr dos labios!

XXVII

Se era nobre ou plebeo, ou rico ou pobre
Não vos direi tambem: que importa o manto
Se é bello o cavalleiro que elle cobre?
E que importa o passado, um nome santo
De putridos avós? plebeo ou nobre
Sómente a raiva lhe acordava o pranto.
Embuçada no orgulho a fronte erguia,
E do povo e dos reis escarnecia!

XXVIII

Não se lançara nas plebéas lutas,
Nem nas phalanges de passado herdeiras,
No turbilhão das multidões hirsutas,
Não se enlaivou da patria nas sangueiras,
Nem da praça no pó das vis disputas!
Sonhava sim em tradições guerreiras,
Nos canticos de bardo sublimado...
Mas nas épicas sombras do passado.

XXIX

O presenté julgava um mar de lama
Onde vís ambições se debatiam,
Ruina immunda que lambera a chamma:
Cadaver que aves fetidas roiam!
Tudo sentio venal! e ingrata a fama!
Como torrentes trepidas corriam
As glorias, tradições, corôas soltas
De um mar de infâmias ás marés revoltas!

XXX

Não quizera mirar a face bella
N'esse espelho de lodo ensanguentado!
A embriaguez preferia: em meio d'ella
Não viriam cuspir-lhe o seu passado!
Como em nevoento mar perdida vela,
Nos vapores do vinho assombreado
Preferia das noites na demencia
Boiar (como um cadáver!) na existencia!

XXXI

Uma vez o escutei: todos dormiam —
Junto á mesa deserta e quasi escura:
Lembranças do passado lhe volviam;
Não podia dormir! Na festa impura
Fôra afogar escarneos que doiam...
Não o pôde: dois lábios na amargura
Ouvi-lhe um murmurar... Eram sentidas
Agonias das noites consumidas!

XXXII

Olvidei a canção: só lembro d'ella
Que d'alma a languidez a estremecia:
Como um anjo n'um sonho de donzella
Sobre o peito a guitarra lhe gemia!
E quando á frouxa lua, da janella,
Cheia a face de lagrimas erguia,
Como as brisas do amor lhe palpitavam
Os lábios no pallor que bafejavam!

XXXIII

Amar, beber, dormir, eis o que amava:
 Perfumava de amor a vida inteira.
 Como o cantor de Don Juan pensava
 Que é da vida o melhor a bebedeira...
 E a sua philosophia executava...
 Como Alfredo Musset, a tanta asneira
 Accrescento porém... juro o que digo!
 Não se parece Jonathas commigo.

XXXIV

Prometti um poema, e n'esse dia
 Em que a tanto obriguei a minha idéa
 Não prometti por certo a biographia
 Do sublime cantor d'esta Epopéa.
 Consagro a outro fim minha harmonia...
 Por favor cantarei n'esta Ódysséa
 De Jonathas a gloria não sabida...
 Mas não quero contar a minha vida

XXXV

Basta! foi longo o prologo! confesso!
 Mas é preciso á casa uma fachada,
 A' frente da mulher um adereço,
 No muro um lampião á torta escada!
 E agora d'este canto me despeço
 Com a face de lágrimas banhada,
 Qual o moço Don Juan no enjôo rolla
 Chorando sobre a carta da Hespanhola (1)

(1) Byron, *Don Juan*, canto II.

CANTO SEGUNDO

And her head droop'd as when the lily lies
O'ercharged with rain.

BYRON, *Don Juan*

I

Dorme! ao collo do amor, pallido amante.
Repousa, sonhadôr, nos labios d'ella!
Qual em seio de mãe, febril infante!
No olhar, nos labios da infantil donzella
Inebria teu seio palpitante!
O murmurio do amor em forma bella
Tem doçuras que esmaiam no desejo
Dos sonhos ao vapor, na onda de um beijo!

II

Que irâporta a perdição manchasse um dia
A alvura virginal das roupas santas.
E o mundo a esse corpo que tremia
Rompesse o véo que tímido alevantas?
E á noite lhe pousasse a fronte fria
N'esse leito em que tremulo te encantas
E ao bafejo venal murchasse flôres
Flôres que abriam a infantis amores?

III

Que importa? se o amor teu rosto beija,
Se a beijas nua e sobre o peito d'ella
Teu peito juvenil ama e lateja! —
Se tua langue pallidez revela
Que tua alma febril sonha e deseja
Desmaiar-lhe de amor, gemer com ella,
Ebrio de vida, a soluçar d'enleio,
Pallido sonhador morrer-lhe ao seio!

IV

Que importa o mundo além? teu mundo é esse
Onde na vida o coração te alegra!
Teu mundo é o seraphim que ás noites desce
E que lava no amor a mancha negra.
E' a nevoa de luz onde não lê-se
Escripta á porta vil a infame regra
Que assignala o bordel á mão polluta
E diz nas letras fundas — prostituta!

V

A essa pobre mulher na fronte bella
Anathema escreveu a turba fria!
Banhe o remorso o travesseiro d'ella,
Corram-lhe a mil da palpebra sombria
Prantos do coração; não ha erguel-a.
A eterna maldição. E quem diria
A solitaria dôr, da noite ao manto
Que lavra o seio á cortezã em pranto?

VI

Ah! Magdalenas miserables! ardentes
Quantos olhos azues se não inundam
Nos transe do prazer em prantos quentes
Quando os seios febris em ais abundam,
Que o amante nos osculos trementes
Crê sonhos que do amor no mar se afundam!
Que suspiros no beijo que delira
Que são lagrimas só! que são mentira!

VII

E quantas vezes na cheirosa sêda
Da longa trança desatada, sôlta,
Onde o moço de goços embebeda
A fronte á febre juvenil revolta ;
Quando a vida, o frescor, a imagem leda
De esp'rança que morreu ao leito volta ;
As lagrimas na dôr ferventes correm...
Como em céu de verão estrellas morrem?

VIII

Ah! não chores! que valem perfumadas
Do Oriente as manhãs e céos e lua
E a natureza a rir entre alvoradas
E a laurea do porvir que sangue sua,
O val deserto, as noites estrelladas
Quando languida a vida em ais fluctua!
Quando um suspiro as lagrimas apaga
E o labio treme, e em beijos se embriaga?

IX

Amar uma perdida! que loucura!
Mas tão bella! que seio de Madona!
Nunca amara tão nivea creatura
Como aquella mulher que alli resona!

A lampada no leito que murmura
Sobre a amante que núa se abandona,
Envolta nos seus lucidos cabellos
Semelha um cherubim, pallido ao vê-los!

X

Era alta noite. Jonathas sahira —
Precisava frescor — enfebrescida
A fronte na descrença succumbira.
Maldizia no tedio a negra vida,
Até as illusões que elle sentira!
Curvava a testa morbida, abatida,
Sempre sedento, sempre libertino,
Blasphemando do amor e do destino!

XI

Elle viu — não foi sonho — era sentada
A' sombra, no balcão de uma janella,
Angelica mulher: luz embaçada
De um estrellado céu nas faces d'ella
Branqueava-lhe a face descorada
E os seios niveos que o setim revela...
Além imagens vãs! a oitava finda:
Só vos posso dizer, que ella era linda.

XII

Não tão aerea Jocelyn passando
Vira Laurence pallida, abatida.
Nem tão bella a sentira suspirando
Abafando a saudade emmurchecida!
Com a face na mão -- nuada, scismando
Tão branca era a gentil desconhecida!
Nos cabellos a noite rescendia!
Era tão bella assim... e ella dormia!

XIII

Esperavam alguém? A porta aberta
Bem essa idéa despertar pôdia.
Entrou. Do lampeão a luz incerta
Entre as sombras alentos exauria...
Elle subiu — a sala era deserta.
Passando p'la cabeça a mão — sentia
Não sei que atropellar de mil idéas,
Que frio ignoto a comprimir-lhe as veias.

XIV

E que scisma! que insano devaneio
Na mente exhausta repassar-lhe vinha!
Do vicio e do bordel tinha receio?
Volvia á fé que desbotado tinha?
Doia-lhe ao coração de um torpe enleio
— Como no lodo as azas a andorinha —
Do leito profanado ás sombras densas
Uma por uma ter manchado as crenças?

XV

Não! revoava-lhe um outro pensamento,
Mais duro e positivo e verdadeiro:
A idéa do devasso macilento
Lhe doía no cerebro altaneiro. .
Pensava que amanhã o seu sustento
Findaria por mingua de dinheiro. . .
Poucas moedas viu na bolsa finda. . .
Porém bastantes para amar ainda!

XVI

Amar! amar e sempre! eternamente!
Como da infancia os tremulos desejos!
Amar, porque a alma se alimente
Na seiva de prazer que manam beijos!
Amar! como aos crepusculos do Oriente
A sultana das noites aos bafejos!
Amar! porque das convulsões do peito
A hora mais divinal se esvae no leito!

XVII

Amar! porque esta vida se desfolha
Entre aromas no labio que desmaia!
E seu orvalho o coração nos molha
Como a espuma do mar a fria praia!
E treme-se ao prazer, qual treme a folha
Quando influxo vital o amor espraia!
Quando o extase ao espasmo preludia
E o peito arqueja e a bôcca balbuçia!

XVIII

Amara esta noite e quando exausto
Accordasse amanhã — como um mendigo
Levara a vida, peregrino infausto,
Dos ralentos da noite ao desabrigo...
— Ai! do ardente prazer quando holocausto
Nas aras tremeleou o fogo amigo,
E só restam as cinzas da fogueira.
Que importa a cinza fria, a vil poeira?

XIX

Miserrimos de nós! nossa existencia
O *hoje* abrange só; vermes de um dia!
Hontem foi de um anelo a impaciencia
Um desejo feroso que incendia!
E que importa amanhã seja a inclemencia
Á intemperie do ar, á noite fria?
Peregrinos! no barco adormecemos!
Em mar desconhecido navegamos!

XX

O mancebo passou um reposteiro
De purpureo velludo arregaçando.
Passou, bem como passa o caminheiro
Da floresta os folhedos afastando...
Entrou lento na sala o estrangeiro...
Tinha um riso nos labios deslizando...
Na sacada onde o vento se expandia
Candida e bella mulher ahi dormia!

XXI

Elle chegou-lhe ao pé : era tão pura,
 Que de leve osculou-lhe a fronte núa!
 Era uma estatua de marmorea alvura!
 Melancholicá e bella como a lua:
 E tão bella a madeixa a sombra escura
 Derramando-lhe ao collo que fluctua!
 Leve passou a mão no seu cabello
 E ternamente murmurou — Consuelo! —

XXII

Consuelo despertou (era o seu nome)
 E tão doce volveu os olhos santos,
 Que elle sentiu que a febre que consome
 Humano imaginar em sonhos tantos,
 Que delira corôas e renome,
 Desmaia da mulher ante os encantos,
 Quando entre abre-se o peito ao ar da vida
 — Como ao sol do verão romã partida!

.

XXIII

Do mais eu nada sei. Senti sómente
 Á noite duas almas suspirando:
 Ouvi na brisa um halito fremente,
 Qual de um seio em prazer se dilatando;
 Ouvi a jura ephemera, demente
 Passar como um suspiro desmaiando.
 Vi a lua celeste e vagarosa
 N'um leito derramar a luz' saudosa!

XXIV

Depois o véo do leito estremecendo
Vi duas creaturas soerguidas
Como dois anjos, pallidas gemendo!
Invocavam as virgens consumidas
Em desejos de amor, a Deus se erguendo:
As folhas que se beijam recendidas,
Que palpitam á luz e em fogo lento
Murcham de goso ao halito do vento!

XXV

Mystico beijo se escõou sentido
Como de pombos candidos que adejam
O susurro de vôo estremecido!
E sobre os peitos que febris latejam
Suffocava-se o tumido gemido
Como as donzellas que de amor se beijam!
Almas cheias de vida! pareciam
Que as vidas n'uma vida confundiam!

XXVI

D'aurora a dôce luz, as trisas calmas
A lhes passar nos humidos cabellos
Era o sôpro de Deus! As duas almas
De suave hymeneu nos dôces élos
Tremiam como no deserto as palmas
Quando á noite nos cachos amarellos,
Entre os florões o vento perfumado
Do pollen lhes derrama o pó dourado!

XXVII

Se quereis, meu leitôr, saber agora
O que a isto seguiu-se — eu não o digo,
Porque senão minha leitôra córa:
E obro n'isto por certo qual amigo:
E tambem porque a musa me descóra
Quando n'estas visões a idéa sigo.
Demais findou-se de licôr meu copo,
E a sêcco poetar jámais eu tópo!

XXVIII

Importa-vos porém saber que a scena
Que descrevi primeiro n'este Canto
Veiu d'esta ao depois. — A Magdalena
Por quem alli eu desatei em pranto
Foi a' presente creatura amena,
Que, certo, é digna que eu fizesse tanto!
E pois que a meus heroes Morpheu namora
Tambem cançado vou dormir agora!

CANTO TERCEIRO

Ó gracioso primor de natureza
Attractiva, donosa variedade!
Que tudo quanto tocas formoséas!

PHIL. ELYSIO.

I

De certo o Creador na tal semana
Em que o mundo surgiu da escuridade
E sobre o mundo a luz e a raça humana,
Por lei estab'leceu a variedade,
Teve muita razão: com todo o sizo
Attesto que mostrou muito juizo.

II

Bofé! que se uma atroz monotonia
De um elemento a vida compuzera,
O homem até morrer bocejaria,
E em morna estupidez se embrutecêra.
Quanto a mim, eu adoro a variedade
E amo até no verão a tempesta de!

III

Por gostar das galhofas da comedia
Da alegria folgaz de Molière,
Nem por isso me esqueço da tragedia
Nem desamo o sombrio Miserere!
Quando Hamleto findou sua agonia
Do Falstaff bon-vivant vinha a folia!

IV

Acho bello o Oceano quando vôo
Pelo seu verde-mar n'um barco á vóla.
Porém odeio as afflicções do enjô
E o vento do alto mar que me regela..
Amo a lua no mar e o mar sem lua.
Astarte vaporosa e Lolah núa.

V

Como varia o vento — o céu — o dia,
Como estrellas e nuvens e mulheres
Pela regra geral de todos seres,
Minha lyra tambem seus tons varia.
E sem fazer exfôrço ou maravilha
Troca as rimas de oitava p'la sextilha.

VI

E agora tem logar duas palavrias
Que o auctor, mostrem nú d'este poema:
Quem o arado levou por essas lavras...
O marujo que n'esse bote rema...
Falemos sem rodeio e com verdade:
Esse livro escreveu um pobre frade.

VII

Um frade! no convento envelheci-me,
Do mundo ao lódo fui viver bem longe,
Nem minha fronte rebuscei no crime!
Mas apcsar das orações do monge,
Gosto assás do prazer, gosto do vinho,
Na ceia faço inveja a um barbadinho.

VIII

Lancei-me ao desviver: gastei inteira
Na insania das paixões a minha vida.
Qual da espuma o fervor na cachoeira
Quebrei os sonhos meus n'alma descrida.
E do meio do mundo prostituto
Só amores guardei ao meu charuto!

IX

E que viva o fumar que preludia
As visões da cabeça perfumada!
E que viva o charuto Regalia!
Viva a tremula nuvem azulada,
Onde s'embala a virgem vaporosa!
Viva a fumaça languida e cheirosa!

X

Cante o bardo febril e macilento
Hymnos de sangue ao poviléo corrupto,
Embriague-se na dôr dô passamento,
Cubra a fronte de pó e traje lucto:
Que eu minha harpa votci ao esquecimento:
Só peço inspirações ao meu charuto!

XI

Oh! meu Deus! como é bello entre a fumaça
No delicioso véo que as annuvia
Vêr as fórmas lascivas da donzella
Entre o véo transparente que esvôaça,
Nadando n'esse vaporoso dia
Bailando núa, voluptuosa e bella!

XII

E como é bello no perfume aerio
Sentir morno suor do abatimento.
Pelas languidas faces orvalhar!
Como é doce nas scismas do mysterio
Sentir como um alcyon á flôr do mar
As lembranças bozear no esquecimento!

XIII

E quando os labios o charuto finda
E a languida visão n'um beijo passa.
E o perfume os cabellos nos repassa.
Como é bello no azul da nuvem linda
Entre vapores madornar, e ainda
A vida renascer n'outra fumaça!

XIV

É bello ao fresco da relvosa espalda
Os serenos beber á flôr pendente.
Do Rheno o vinho em taças d'esmeralda
E sobre o campo adormecer contente!
É bella a noite que a volupia escalda
E acorda aos scios um suspiro ardente!

XV

É bello o escumar da catadupa,
A margem verde que a torrente occupa,
Beijar na sombra o collo palpitante
Que offega e bate á descorada amante...
E de um çorsel á tremulã garupa
Correr a mão ao pello gôttejante!

XVI

Mas nem o Johannisberg, humidas flôres,
A relva fôfa da campina verde,
E a noite que vem quente dos amores
E a torrente do val que além se perde,
Nem o seio que nuta e que se inflamma
Desmaia o tédio meu que o spleen derrama!

XVII

E o amor muita vez aos labios mente:
Tem côres de maçã — e dentro infecta,
E cinza aos labios deixa-nos sómente!
Além o seio, o coração corrupto
Que desmentem os sonhos do poeta!
Só tu não mentes não, ó meu charuto!

XVIII

Só tu és sempre bello como a lua
E sempre virginal e perfumado,
És o lyrio do céu nunca murchado!
Como a virgem de amor, candida e núa,
Evapóras no aroma essa alma tua
E tens um labio nunca profanado!

XIX

Só tu não mentes, não! e tu sómente.
Na taça da illusão não deixas lia!
E quando a mesma realidade mente
Quando a virgem, a fé, de noitê e dia
Veremos amanhã que hontem mentia,
Inda contigo dormirei contente!

XX

Por que n'essa illusão que a amar convida
Revelas a morena adormecida
A quem banha pallor os dôces traços,
Tremulo o seio, a palpebra abatida!
E sinto em teu vapôr anjos da vida
Entae as nuvens tremendo os roscos braços!

XXI

Meu charuto cahiu, cil-o se esfria:
Além nas ondas vi-o mergulhar,
Como o sol no crepusculo do dia,
Como um cadaver arrojado ao mar!
Miserrimo! só resta cinza fria!
No céu da vida estrella a desmaiar!

XXII

Tua vida apagou-se e eu perdi-te!
Vae, conta ás nymphas o meu mal tamanho!
Nos labios de Neptuno ou de Amphitrite
Descreve minha dôr, minha agonia,
Meu intimo soffrer quando eu te via —
Como Sapho — morrer tomando um banho.

XXIII

E vós bardos nutridos de amargura
Que de prantos banhaes a lyra santa,
Se ainda o peito não trazeis corrupto,
Vinde chorar a minha desventura
Que no frio pavôr de magua tanta
Veiu até apagar o meu charuto!

.

XXIV

Eu não me riu, não! a voz do peito
Nos versos meus inânida se exhala!
E quantas vezes quando em ai desfeito,
Como uma fibra que no peito estala,
A mente de tristezas nos repassa...
Não desvanece tudo uma fumaça?

XXV

E quantas vezes no scismar perdido
No seio o cancro dóe de uma saudade,
E alento das internas agonias
Nas cordas de alaúde enternecido
Não aneia, não arfa de anciedade
Que em teu vapôr se esvae em melodias?

XXVI

E então qual geme a rôla de mistura
O arroio mollemente, co'as areias,
E qual se escôam pelas mornas veias
Os halitos vernâes da formosura,
— Como nas cordas de harmonia cheias
A medo uma infantil canção murmura!

XXVII

E nos labios derrama-se a lembrança.
Do passado o sorrir nos prantos d'hoje!
Cobre-me o coração a vaga mansa
De uma saudade que suspira e foge!
E lembro ás vezes o pallor da vida
Do gélido cadaver do suicida!

XXVIII

É o canto dos languidos amores
Perdido como o céu na escuridade:
Do intimo seio peregrinas flôres
Abertas ao sereno da saudade.
Mas triste — como a dôr em rosto insano...
Como a noite nos ermos do Oceano!

XXIX

Ah! quando enfim a lampada apagou-se
Do leito sepulchral na pedra fria,
Quando a palmeira ao florescer murchou-se
E a ave d'ouro que do sol vivia
Cahiú morta na relva recendida,
Gotejante das lagrimas da vida!

XXX

E tudo se acabou! e terra escura.
Cobriu-te a face roxa desbotada,
E tu fôste da cal na sepultura
Suffocar-te nas tenebras do nada.
Agora sim virei — e solitario —
Na solidão chorar o teu fadario!

XXXI

Virei tecer de moribundas flôres
A pallida corôa do finado,
Lembral-os, reviver os teus ardores
E as puras illusões do teu passado!
Quero chorar meu desgraçado amigo,
Na lousa tua inda sonhar comtigo!

XXXII

Ah! quando as noites n'un viver perdido
Iam-me longas anhelando amores,
Do teu peito no sonho recendido,
Como cysne a boiar entre vapores.
Vinha sorrir-te loura e perfumada
A angelica visào de tua amada!

XXXIII

Poeta! eras feliz — a mão divina
Quando passa na fronte sublimada
Os seus languidos olhos illumina,
E ante uma sombra de mulher amada
Revela os hymnos, que murmura o vento,
E susurra á donzella o sentimento!

XXXIV

E no Oceano dô amor entre harinonia
Da tarde a languidez embala os sonhos
E perfuma o pallor ao roseo dia
Entre as canções dos seraphins risonhos!
Ao poeta orvalhos das cecêns mais puras!

XXXV

Senhor! foi bello o sonho da esperanza!
E quem sentiu-as, impressões, tamanhas,
Tantas lagrimas deu a uma lembrança?
Noite e luas, brisas das montanhas,
E vós, flôres do val, pallidas flôres,
Não lembraes a canção de seus amores?

XXXVI

Não ouvieis do labio as melodias
Que vibrava a paixão? não as ouvieis?
No murmurar das molles a-sonias
Amorosos effluvios não sorvieis?
Não arfaveis tambem, pallidas flôres,
A tremula canção dos seus amores?

XXXVII

E que sonhos de amor que amou na vida!
Perguntae-o á estrella que divaga,
Ao vento na lagoa adormecida,
Ao cirio que no tumulo se apaga,
Perguntae-o da insomnia aos arrepios,
De Werther o suicida aos labios frios!

XXXVIII

Era só ella seu pensar — por ella
Do porvir esqueceram-lhe victorias,
E pelo amor da candida donzella
Rira d'escarneo ao laurel das glorias!
Como uma taça onde o fervor transborda
Tinha na harpa do genio uma só corda.

XXXIX

Era um seio de neve... o brilho languê
De uns olhos onde o azul se humedecia:
Da face no rubor tepido o sangue...
Onde o labio sonhava e se embebia
N'um extase de amor — no ebrio desejo
De vida e alma lhe votar n'um beijo!

XL

E o anjo? não o amou? quando elle em fogo
Ardente a fronte pallida pendia,
E como um ai de solitario afôgo
O peito suffocado lhe gemia.
Não lhe bateu jámais qual n'uma lyra
Esse vento de amor que nos delira?

XLI

Era uma estatua — sim: um deus a erguera
N'um rir d'escarneo e dó — de lôdo cheia.
Nem sol de amor o peito lhe accendera.
O morto coração era de areia!
Como o céo. nos crepusculos do dia,
No vapor da vaidade ella dormia!

XLII

Porque tanto sonhar? tão bellas flôres
No esmero lhe sagrar dentro do peito?
Anathema! ella riu-se dos amores:
Que mulher! não sentiu um ai desfeito
Esse alento de bôcca enfebrecida
De um beijo no calor perdendo a vida!

XLIII

Desgraçado! a insomnia do martyrio
 O cerebro lavoso delirou-te!
 E o vortice das aguas do delirio
 Das insomnias da febre ao sol queimou-te!
 Fôste afogar as illusões da vida
 Na taça de mysterio do suicida!

XLIV

“Quando a morte nos dentes nos rompera
 “As taças do viver, quem discrimina
 “Do sabio ou do insensato qual a sina?
 “Se quem toda a bebeu qual Deus a enchera.
 “Ou quem a rejeitou — enfebrecida
 “Da morte aos sonhos immolando a vida?„ (1)

XLV

Tens razão, Jocelyn! e ao Deus perfeito
 Por ventura dirão esses perdidos
 Que vão da morte se esconder no leito:
 Porque as aspirações, os ais sentidos,
 E alma em fogo ao céu um sonho erguia
 E o sonho a enlevou.. se elle mentia?...

XLVI

Não te maldigam pois! Ignora o mundo
 O que doe esse verme da desgraça:
 E da irrisão maldita o corvo immundo
 Que no escarneo do fel nos despedaça!
 Não sabem, não — de Prometheo no leito
 O sangue e dôr que volam-nos do peito!

(1) *Jocelyn*, sixième époque.

XLVII

Mas eu sei: que senti o amor ardente
Convulsivo bater n'um peito exaustos!
Sei: que senti a lagrima tremente
Como na insana pallidez o Fausto!
Quando o somno fugia ás noites minhas
Como ás nuvens do inverno as sndorinhas.

XLVIII

Bebi-a essa tristeza. essa doença
Que nos escalda lagrimas sombrias,
Que nos revolve sós na vaga immensa
Do Oceano das internas agonias!
Que empallidece a face e morte lenta
Nos estampa na fronte macilenta.

XLIX

Ah! virgem das canções, entre vapores
És pura e bella sim, porém teus labios
Me fazem delirar como licores
Que afervoram-nos tepidos resabios!
Quando em teu collo vou deitar-me agora
Teu palpitar as faces me descora!

L

E cedo morrerei: sinto-o, nas veias
O meu sangue se escôa vagaroso
Como um rio que sécca nas areias,
Como donzella, que desmaia em gozo!
Teus labios, fada minha, me queimaram,
E as languidas arterias me esgotaram!

LI

Mas que importa nas sombras da existencia
Se mentiu-me o sonhar quando eu sentia
Um dos pallidos anjos da innocencia
Pousar-me a face ao peito que gemia,
Se n'um sonho de amor, em noite bella
Nos suspiros do mar amei com ella!

LII

Era uma lua pallida e sombria
Que seu leito nas ondas embalava:
Na mão de neve a face lhe pendia.
E nos sonhos a virgem se enlevava!
E, que estrellas no céu! e que ardentia!
Que perfume seu véo estremecia!

LIII

E que sonhos, meu Deus! e que ventura!
E que vento de amores palpitava
Na escuma do batel a vaga pura
E lascivos suspiros lhe arrulhava!...
E em torno mar e céu — a noite bella,
Nos meus braços a inanida donzella!

LIV

Ah! virgem das canções. aos brancos lyrios
Porque tão cedo me chover na infancia
O magico sereno dos delirios
Que adormece, embalsama na fragrancia?
E do amor entre os languidos conselhos
Minha fronte embalar nos teus joelhos?

LV

Porque tão cedo o vinho da harmonia
Nos beijos infantis correu-me aos sonhos,
Entornou-me essa nuvem que inebria,
Que gela o riso aos labios meus risonhos?
Tão quedo o somno meu, porque turval-o,
E de illusões esplendidas povoal-o?

LVI

E tão cedo! porque encher meu leito
D'estas sombras suaves, delirantes?
E na harpa adormecida de meu peito
Suspirarem-me sons tão offegantes?
E porque não deixar o meu sentir
Da infancia d'ouro nos frouxeis dormir?

LVII

E assim eu morrerei: co'a sede ainda
Amargosa no labio reseca
Cançando os olhos na extensão infinda,
Perguntando se á crença do passado
Tambem verei no lodo revolvida...
E como tu suffocarei a vida!...

LVIII

E quem sabe? é a duvida do Hamleto
E — o ser e o não ser — que toma o passo:
O mundo é lodaçal, é leito infecto,
E a turba é sempre a que se riu do Tasso!
Mas o que é o morrer? e a sepultura
Que mysterios contém na noite escura?

LIX

Ah! mysterios! não rias, scepticismo,
Do agoureiro terror que a morte fria
Do banho do cadaver no baptismo
Os regelados nervos arripia!
Somno de chumbo, thalamo de terra,
Que nodoa negra teu sudario encerra?

LX

E tu dormes, suicida?.. E á noite infinda
Que sonhos roçam-te o livor sombrio?
A magica visão te passa ainda
Com a urna d'esse amor que te mentio?
Inda sorves nas avidas lembranças
O perfume de amor das loiras tranças?

LXI

E o pae, não sonhas n'elle?... e as cãs tão puras
D'aquella que embalou teu berço infausto,
E na mágoa das suas desventuras
Nem te pode beijar o corpo exaustto?
Miserrima anciã! que só vivia
Por ti — e por ti desce á noite fria!

LXII

E o filho? essa creança que palpita
Nos seios que um insano amor consome,
Que profanado amor gerou maldita,
Que virá amanhã pedir seu nome!
E que não saberá que sepultura
Guarda o pae e o segredo em terra impura!

LXIII

E a patria que entre as lagrimas d'escrava
Co'a face bella gelida. pendida,
Salpicada de lôdo em ti sonhava
Como o sol da manhã de uma outra vida?
A patria! que a infamia prostituta
Tenta vender no lupanar polluta!

LXIV

E não ouves d'ahi os gritos d'ella?
Não vês que a forçam, que seus labios tapam?
E, desgrenhada, rompem-lhe á donzella
Os vestidos que ás frias mãos se escapam?
Não ouves o tinir de vil dinheiro
E a lubrica risada do estrangeiro?

LXV

Dorme pois, desgraçado! no futuro
Além — no meu viver — quando a minha alma
Candida se despir do manto impuro:
E quando a noite que o soffrer acalma
Nas palpebras pezar-me o somno amigo
Do — nada — ao leito irei dormir contigo!

LXVI

Onde vou? onde vou? Oh! quão diversos
Do meu trilho meus passos desvariam!
Onde correis, meus desgraçados versos!
A tempo os açamei! onde corriam!
No phantastico pó que elles pisavam
Entre nuvens ardentes galopavam!

LXVII

Além, minhas canções! além as flores
Que essa nenia saudosa n'alma abria!
Quero scismar o canto dos amores
E do amor a confusa melodia!
Ouvi! quero sonhar! quero sentil-as
Visões do céu nas illuções tranquillias'

LXVIII

Harmonias de amor!... é tarde! é tarde!
Vejo a morte n'um peito que se engoia...
Da saudade o chorar, que os olhos arde...
E além um corpo que nas aguas boia!
Um cadaver! um resto corrompido
Que até fôra da mãe de-conhecido!

LXIX

O cadaver na praia se extendia
Engeitado p'lo mar: — as roupas humidas
— O cabelo a correr de areia fria —
As faces rôxas, — mãos geladas, tumidas —
Mais alvo ainda que Don Juan dormido,
De fome, sêde e frio embranquecido'

LXX

Porém não vinha Oriental donzella
Envolto o collo em perolas, correndo
Nos hombros niveos a madeixa bella,
Que o mimoso Hespanhol na praia vendo
E ao vêl-o nú e pallido, ao relento,
Beijou a face ao bello macilento!

LXXI

Com o seio a bater em seda incerta
Não veio Haydéa, não, ao naufragado.
Ninguém passou: a praia era deserta,
E o mar adormecia socegado,
Só a maré que as ondas tremulava
A nenia á podridão lhe rouquejava!

LXXII

“Oh! quando os hymnos virginaes da lyra,
E as delicias do amor, que a noite ouvia,
E as harpas do porvir que nos sorrira
E a esperança e os anjos da harmonia,
E o esplendido sol — se esvaecerem...
E as convulsões do peito arrefecerem...

LXXIII

“E o cadaver lançado em chão d'areia
Não ter o bello abraço derradeiro,
Nem amante a chorar, que a magua anceia,
Nem o *adeus!* do poento caminheiro!
E ninguem lhe escutar essa tristeza
Que do tumulto exhala a natureza (1)...”

LXXIV

Deve n'alma doer, deve ser duro
Esse abandono ao pobre malfadado!...
E nem sentir no seu lençol impuro
A lagrima a cahir de um rosto amado,
E sobre elle da noite á monodia,
A amante confundir sua agonia...

LXXV

E quem sabe? nos labios amarellos
Do morto não desliram-se lembranças?
E o verme nos seus humidos cabellos
Não ri — mortas com elle — ás esperanças?
E ao peito n'essa nevoa do dormir.
Póde inteiro calar-se-lhe o sentir?

LXXVI

E quem sabe? é dormir... e tão sômente?
— E o somno que as palpebras lhe chumba?
E elle não sente a lagrima demente
Que orvalha de saude a fria tumba?
E se alma foge á podridão impura,
Nunca lhe vem gemer na sepultura?

LXXVII

Nunca chora no pó que ella acordára,
Onde ella derramou a luz etherea,
O craneo que incendeu, que afervorára
Que lavára do lôdo na materia —
Ó corpo que a seu halito tremia
Que a essencia de Deus n'ella bebia?

LXXVIII

Alta noite porém: eu não sonhava...
Achegava-se a luz de uma lanterna,
E candida mulher se debruçava...
E nos labios a voz chorava terna
Em dorida canção, cortada e rouca
Diziã á treva o padecer da louca!

LXXIX

A louca!... ao vê-lo ahi enloquecêra
Junto ao amante a misera Consuelo:
Das flôres da restinga entretécêra
A corôa da fronte no cabello.
Ria, ria porém com dôr tamanha!
Como a onda do mar que os pés lhe banha...

LXXX

Fôz ao collo o cadaver: repassou-lhe
Por sobre a fronte a mão que estremecia.
E nos cançados braços embalou-lhe
A cabeça qu'inda hontem lhe fervia...
E cantava beijando os labios d'elle...
Coitada! adormeceu pensando n'elle!

LXXXI

Porque era morto ahi o libertino
Jonathas o cantor da vida impura,
Não o posso explicar ao peregrino.
Creio a morte porém caverna escura,
Mais fria que o deserto cemiterio —
Onde o corpo resvala no mysterio.

LXXXII

Sobre o tumulo pois os braços cruzo
E dobro tiritando os meus joelhos!
Não saccudo á mortalha o pó escuro
E nem leio da campa nos espelhos...
Da morte no fatal despenhadeiro
Desfolho apenas uma flôr sem cheiro!

CANTO QUARTO

EMILIA

Dead ! dead !
.....

OTHELLO.

She turned to folly and she was a whore.

O. hello.

FALSTAFF

'S blood ! I am as melancholy as a gib cat
or a lagged bear.

PRINCE HENRY.

Or an old lion, or a lover's lute.

First part of Henry IV.

I come no more to make you laugh...
.....

..... Those that can pity here
May if they think it well et fall a tear,
The subject will deserve it.

SHAKESPEARE, *King Henry VIII* ; *prol.*

I

Porque és tão bella, ó pallida Consuelo ?
Porque és tão bella assim nas noites minhas,
E as ondas do teu languido cabelo
M'embriagam de perfume — e as puras linhas
Das faces, do teu collo voluptuoso
O coração affogam-me de goso ?

II

Fôram sonhos, mulher! porém na sombra
Eu te via febril e delirante,
Como dorrida dos harens na alfombra
Dos amores do Oriente a bella amante!
Como em sonhos eu senti a vida
Na lousa de minh'alma resurgida!

III

Que amores insensatos! que delirios,
Me accenderam as fontes consumidas!
Era no somno o perfumar dos lyrios,
Era o vinho das orgias desabridas!
Era a febre, o tremor, o beijo ardente...
— Como nas rochas bate o mar fremente!

IV

Mulher! e quem te não sonhára um dia
No morbido pallor das faces tuas,
Dos olhos n'esse fôgo que inebria,
As fórmas alvas, transparentes, núas,
E esse teu collo em palpar desfeito,
Os véos macios a tremer do leito?

V

E quem te não sonhou! d'esses perdidos
Que o genio a suspirar beijou em fôgo;
Poetas que de amor enfebrecidos
Se volvem das paixões no desafôgo?
Em cujas noites se perfuma o vento
Das lágrimas do amor no sentimento?

VI

Mulher! e quem és tu? que mão divina
O teu somno quebrou de um céu de amores?
Que fada loura, que suave ondina
Deu-te o olhar de languidos fulgores?
Que flôr do mar se abriu morna d'enleio
Para assim te alvejar no terno seio?

VII

Fôra a vida viver em sonho — incerta —
— Como embebida a mente nas alvuras
No efflúvio fresco de magnolia aberta —
Amar-te de joelho as fôrmas puras,
Beijar-te as alvas mãos, o collo bello,
Beijar-te a face, ó pallida Consuelo!

VIII

Fôra viver, como em um sonho, a vida
Ao sentir-te a nudez do niveo seio,
Ao apertar-te languida, abatida,
Com esses labios a queimar de enleio!
Num beijo teu os sonhos esquecer,
Em teus labios inânidos morrer!

IX

És muito bella sim! anjo agoureiro
Como estatua de amor ergueu-te um dia!
Talvez sonhou contigo esse estrangeiro —
O bardo altivo de canção sombria!
E por ti viverci... que me revela
Porvir de gosos tua imagem bella!

X

Vem, rainha da noite! quero amar-te
Com os labios molhados nos licôres,
No teu seio de fôgo derramar-te
A mystica illusão dos meus amores!
Ah! vem, repousa, embala-te em meus braços
Quero viver, morrer nos teus abraços!

.

XI

Ella dormia: a rosa desmaiada,
Que a noite serenou, nem é tão pura,
Nos molles véos da nevoa mergulhada!
Dos sonhos no frescor, na santa alvura
Era mais bella que de luz divina
A pallidez em nuvem peregrina.

XII

E tão pallida e bella! semi-núa —
As palpebras do somno em véo sombrio,
Languida como vagarosa lua
Quando voga no mar de um céo d'estio,
E o seio palpitante como a vaga
Que a praia da soidão de noite alaga!

XIII

Do cabello nas ondas a donzella
— Inda mais alva a face — adormecia:
Que fria morbidez nas faces d'ella!
Rosa que as folhas candidas despia
Dos amores do vento nos delirios,
No frio orvalho de prateados lyrios!

XIV

Oh! sonhava talvez! vi-as tremendo,
— Qual de collar em seio voluptuoso,
Perolas soltas — lagrimas correndo!
E nos seus labios como som mimoso
De arroio d'agua limpida ao bafejo
Os ais tremiam ao scismar de um beijo! —

XV

Era o vento da noite que passava
Da magnolia a pender no molle seio?
Creatura de amor que ao somno em meio
Vaporosos suspiros emanava?
Era a lua que inânida gemia.
Quando entre nuvens pallidas se erguia?

XVI

Que pensamento, que desejo incerto
Que saudades e amor a palpitavam?
Flôres ou anjos, nuvens do deserto
Entre a nevoa dos sonhos que a roçavam?
Ou da Julietta pallido, risonho
Por seu bello Romeo ardia em sonho?

XVII

Ella dorme. Silencio! ó noite bella!
Fresco e perfume só derrame o vento
Nos cabellos da languida donzella!
E da noite ao frescor o sangue lento
Corra nas suas azuladas veias
Como a onda no mar sobre as areias!

XVIII

Mas ah! minhas visões! n'um céu escuro,
Nas trevas minha nuvem dissipou-se:
A capella viçosa do futuro
No outomno da desgraça amarellou-se.
Solitario fiquei nos sonhos meus...
As illusões só resta-me um — adeus!—

XIX

Adeus! — é o prantear do marinheiro
Á patria que desmaia em mar dourado!
Aos ais do peito gottejar primeiro
Da lagrima nas faces do soldado.
Aos abraços da mãe que geme e chora
E aos gemidos da amante que o demora!

XX

Suspiros de Romeo na despedida,
Á sua Julietta desmaiada!
Blasphemias do rei Lear, beijo sem vida
Nos labios de Cordelia inanimada!
É a magoa da dôr que afoga, opprime!
E na agonia faz sonhar no crime!

XXI

Sonhar-te, Consuelo, em minha noite,
Em teus prantos, o peito suspiroso,
E sentir que nos seios estalou-te
Essa fibra gentil que accende o goso,
Que fala aos olhos, no halito suspira,
E nos transees do amor n um beijo expira.

XXII

Esse raio do Eden, de flôr divina
 Einanação balsâmica e celeste,
 Reflexo de uma alampada argentina
 Que esse lódo mortal de luz reveste
 Que em nós vive, em nós ama e sonha e sente,
 E que chama-se a alma do vivente!

XXIII

Sentir-te no morrer volver sombria
 — Tacteando o negro chão — os olhos baços.
 Os olhos que a paixão de pranto enchia!
 Vêr-te depois, convulsa ergendo os braços,
 Anceiando no estertor, na praia fria
 Arquejar e torcer-te de agonia!

XXIV

.

 e par che dorma!

TASSO.

XXV

Nunca a viste na lubrica nueza
 A brisa enlouquecendo de belleza,
 Solto o cabello, o roseo véo desfeito,
 Tremula como do hymeneo no peito
 Noiva cheia de amor, de *morbidezza*
 Aos longos beijos no convulso leito?

XXVI.

Tarde! quem não te amou, minha sultana?
Quem tão árido eivou a mente insana
Em elaustro que os alentos assassina,
Que não te amasse em nuvem purpurina,
Como ardente de amor a Americana
Que pallida, entre flôres se reclina?

XXVII

E sempre virginal e vaporosa
Pensativa de amor, voluptuosa!
Sorrindo ás virações que te bafejam,
Á elaridão das nuvens que lampejam,
Á lua, á pomba, á selva suspirosa,
Ás flôres que na morte se entrebeijam!

XXVIII

Que te importa que as raças d'este mundo
Blasphemando as canções que a Deus ergueram
Vaguem no tédio, em lodaçal immundo,
Onde as brisas de Deus se corromperam,
Onde amor erepuseula moribundo,
E os anjos d'esperança se perderam?

XXIX

Como és fresea no eéo, entre fulgores
Na tunica de rosa transparente,
Mystica rosa abrindo ao sol de amores
Que anjo te embala a fronte recendente,
Quando a estrella da noite vem ardente
Doirar o teu palacio de vapores?

XXX

Ai dorme! o sonho na cheirosa vida
Para ti é bromelia humedecida,
Sempre cheia de chuva e de frescores!
Para nós. . . é a gaivota que esvoaça,
Vagabundo batel que ao longe passa. . .
Irreflectido beijo entre amargores!

XXXI

Tu és a fada que os verões tempera,
Raio de luz da eterna primavera!
E's o sonho da flôr, o amar da brisa,
És o nectar que a taça purpurisa
Do triste sonhador que ainda espera
E nos vapores do viver desliza!

XXXII

Acorda-te, ó poeta macilento!
Acorda-te, meu peito, ao sentimento,
Revive as esperanças que nutrias,
Refresca a medo as palpebras sombrias,
Bebe seiva de vida n'esse vento,
E dorme como o sol entre harmonias!

XXXIII

Acorda-te, meu peito moribundo,
Ás visões juvenis de um outro mundo!
Sonha! mas não blasphemes do destino
Quando amanhã topar o peregrino
Teu craneo livido, amarello, immundo. . .
Teu cadaver no lodo resupino!

XXXIV

Se o nada não engole a creatura,
Se inda sente o *não ser* da sepultura,
Se além arqueja o desespero errante,
Se ha uma eternidade delirante,
E dóe sentir morder na carne impura
O verme da saudade devorante!

XXXV

Tarde! quando eu morrer, e despresado
Ao corvo dêem meu corpo desbotado,
Derrama sobre mim teus mornos éstos!
Talvez reviva o fogo do passado
Nas fibras rotas, nos infaustos restos
Do cadaver no campo abandonado!

.....

CANTO QUINTO

I

Era uma tarde — mas a chuva fria
Dos humidos cyprestes gottejava,
Além no céu escuro o sol morria
Como rola na terra a rubra lava,
E o vento além no farfalhar funéreo
Gemia no hervaçal do cemiterio!

II

Era o campo onde brota a herva incultã
Sobre o corpo do ancião e da donzella,
Aonde o verme a forma nivea insulta
E o marmore dos seios amarella!
E aonde ao apagar de uma esperança
Dos amigos enterra-se a lembrança!

III

É o campo da morte — ahi gemidos
Não busques, solitario: fuge o mundo,
Os miasmas da campa, os ais sentidos
Vae antes suffocar n'um peito immundo!
Filho da dôr! para esquecer a vida
Bastam os seios da mulher perdida!

IV

Ninguem que vá chorar! ninguem! a campa
É solitaria e muda.— O apodrecido
Se volve no mysterio. . . Só se estampa
A lua no seu tumulo esquecido!
E nem filhos — nem mãe!... Da dôr no cumulo
O homem no lupanar esquece o tumulo!

V

Por entre as sombras uma luz espanca
A treva que no chão o vé repassa. . .
Roça nas folhas uma forma branca. . .
No sombrio hervaçal um vulto passa.
Como de ave agoureira o longo pio
Escutou-se um gemer no campo frio.

VI

Quem geme? errante cão que a lousa escarva
Para cevar em podridão a fome?
Ou sob a cova se debruça a larva,
A sombra que uma eterna dôr consome?
Era um morto no tumulo acordando,
Ou corvo negro no dormir grasnando?

VII

Era um canto sombrio — era coveiro
Que nas urzes, cantando, um fôssco abria:
E no labio o sarcasmo zombeteiro
Na cantiga fatal estremecia!
Cantava e ria — e contracção nervosa
Agitava-lhe a bôcca tremulosa.

VIII

Os monotonos sons da cantilena
Corriam dôces como essencia pura:
Era o cantô de amor — a voz serena.
Mas ahi, junto ao lar da sepultura,
D'essa bôcca nervosa na ironia,
D'alma nos seios a canção doía!

IX

E cantava — tambem o marinheiro
Canta e sonha Albion se a vaga uiva:
Se lhe escuma no rosto sobranceiro
E molhá em flocos a melena ruiva!
Tambem dos brancos seios que desbotam,
Da virgem que morreu, violetas brotam!

X

Era môço: mas já envelhecido
No avesado calcâr na terra solta
Do cadaver o ventre entumecido,
Sem pela fronte livida e revolta
Sentir a fria mão do passamento
Fria, tocar-lhe o rosto macilento!

XI

Era um fosso que ábria — eterno leito
A um cadaver de mais. Quando o sentio
Profundo e longo — do caixão estreito
No sudario tomou um corpo frio. . .
Ia lançal-o. . . As nuvens se entreabriram,
Frouxos os raios do luar sorriram. . .

XII

Deu no corpo o luar. Era alva imagem
Reflexo branco de mulher divina!
As tranças negras á nocturna aragem
Tremiam como um lyrio que se inclina!
Tão bella! parecia adormecida! . . .
Era o somno. . . porém não o da vida!

XIII

Assim a noiva de Romeo dormira —
A pallida Julieta regelada —
Quando nos labios, n'essa face fria
Elle sonhava os beijos d'alvorada,
Das noites breves o celeste encanto,
O ai da ventura, o amoroso pranto!

XIV

Era tão bella! a pallidez sorria!
E a forma feminil tão alvacenta
No diaphano véo transparecia!
Pendeu o homem da morte macilenta
A cabeça no peito — em vil desejo
Longo, mui longo profanou-lhe um beijo!

XV

“Tão formosa e morrer !,” e murmurando
 O coveiro deitou-a na jazida :
 Encobriu-a de cal . . . e susurrando
 Da noite á sombra uma canção descrida,
 Erguendo na mão pallida a lanterna
 Foi da morte olvidar-se na taverna !

.....

XVI

É sombrio, confesso-vos, meu canto :
 E obscuro demais, o que é defeito !
 Mas é um sonho apenas que reconto,
 Que em noite longa me gelou no leito —
 Sonho de febre, insano pesadello
 Que á frente me deixou pallido sello !

XVII

Não teve o Dante magoa mais profunda
 Quando na sombra ergueu o condemnado, (1)
 De um craneo carcomido a bôcca immunda
 E enxugou-a em cabello ensanguentado :
 E contou sua livida vingança
 Na mansão da eternal desesperança !

XVIII

Nem mais estremeceu quando o passado
 Do tumulo na sanie rivivia . . .
 Quando o velho rugindo suffocado
 De fome e raiva ainda se torcia . . .
 Como quando as creanças se mordiam,
 E ardentes, moribundas, pão ! pediam !

(1) *Inferno*, canto XXXIII.

XIX

Quando contou as noites regeladas
E o ar da podridão... e a fome impura
Saciando nas carnes desnervadas
De seus filhos... de sua creatura!
Como a panthera emmagrecida come
Os filhos mortos p'ra cevar a fome!

XX

Acordei a tremer de calafrios
Com o peito dé magoas transbordando;
Enxuguei com a mão suores frios
Que sentia na face porejando!
E um dia o pesadello que eu sentira
Mesclou-se aos molles sons de minha lyra.

XXI

Mesclou-se como ao vinho um dithyrambo,
Ao farfalhar de Pança (1) um velho adagio,
Ás alvas flôres se mistura o jambo
E um osculo de amor em um naufragio.
— Creio que vou dizer alguma asneira...—
Como o nome de Deus á bebedeira!

XXII

Escrevi o meu sonho. Nas estancias
Ha lagrimas e beijos e ironias,
Como de noite muda nas fragancias
Perde-se um ai de ignotas agonias!
Tudo é assim — no sonho o pesadello,
— Em almas de Madona quanto gêlo!

(1) Sancho Pança.

XXIII

É assim o viver. Por noite bella
Não durmas ao relento na janella
Contemplando o luar e o mar dormente.
Poderá apanhar-te de repente
Fria constipação, febre amarella,
Ou alguma prosaica dôr n'um dente.

XXIV

Vae com a mão sobre o peito macilento
Curvado como um velho peregrino,
Vae, tu que soffres, implorar — sedento
Um remedio de amor a teu destino!...
Um doutor sanará o teu tormento
Com' tres chicaras d'oleo de riccino!

XXV

Eu vi, eu vi um typo de Madona
Que os ares perfumava de belleza:
Que suave mulher! ah! não resonna
Uma virgem de Deus com tal pureza!
Era um lago a dormir... na flôr sereno!
Porém sua agua azul tinha veneno!

XXVI

E agora — boa noite! eu me despeço
D'esta vez para sempre do poema:
Como soberbo sou, perdões não peço.
Mas como sou chorão, deixae que gema,
Que dê largas a esta alma entumecida
Na dôr de tão solemne despedida!

XXVII

Que prantos! que suspiros suffocados!
Se eu gostasse dos versos eloquentes,
Como eu descreveria bem rimados
Do meu peito os anhelitos frementes!
Porém nos seios eu suffoco tudo,
Porque da magoa o seraphim é mudo.

XXVIII

Silencio, coração que a dôr inflamma!
Além do escarneo, sons! quero o meu leito
Das lagrimas banhar que a dôr derrama!
Quero chorar! quero chorar! meu peito!
Dizer adeus ao sonho que eu sentira,
Sem profanar as illusões na lyra!

XXIX

Eu não as profanei! guardo-as sentidas
Nas longas noites do scismar aereo,
Guardo-as na esperança, nas doridas
Horas que amor perfuma de mysterio!
Sem remorso, nem dôr, aos sonhos meus
Eu posso ainda murmurar — adeus!

XXX

Ah! que na lyra se arrebente a corda
Quando profana mão os sons lhe acorda!
E o pobre sonhador a phantasia
O sonho que ama e beija noite e dia
Não saiba traduzir, quando transborda
Seu peito dos alentos da harmonia!

XXXI

Que não possa gemer a voz saudosa
Como o sopro dos ventos avendiços,
Como a noite que exhala-se amorosa!
Como o gemer dos ramos dobradiços!
Para exprimir os pensamentos meus
Nos cantos melancolicos do adeus!

XXXII

Adeus!... é renunciar n'uma agonia
A esperança que ainda nós palpita;
Sentir que os olhos cegam-se, que esfria
O coração na lagrima maldita!
Que enteiriçam as mãos, e a alma afflicta
Como Agar no deserto ora sombria!

XXXIII

Sentir que tudo em nós se gela e chora,
E o coração de lagrimas se véla!
E a natureza além revive agora,
E a existencia por viver, mais bella
Novas delicias, novo amor revela
Do luzente porvir na rôxa aurora!

XXXIV

Sentir que se era poeta... á brisa errante
Bebendo effluvios que ninguem respira,
Presentindo á donzella palpitante
Os enlevos, os ais, e o sonho amante
Que nos beija no berço susurrante,
E o perfume que a musica transpira!

XXXV

Adeus! é uma gôtta de mysterio
Que Deus nos orvalhou como sereno!
É a dôr voluptuosa — o bafo aerio
Que derrama perfumes e veneno!
É a scisma que rola, que resvala
Que os pensamentos no desejo embala!

XXXVI

Saibo do céo que aviva na lembrança
Que é um filho de Deus o moribundo
A quem se fana a timida esperança!
Que é dos anjos irmão e que é no fundo
Do Oceano do viver, que o vagabundo
A perola do amor talvez alcança.

XXXVII

É as crenças sentir uma por uma
Que se adormecem... e o batel da vida
No Oceano escuro cobre-se d'escuma
E se afunda no mar... e dolorida
A alma do marinheiro empallecida
Ao arrebol da morte se perfuma!

XXXVIII

Adeus! tudo que amei! o vento frio
Sobre as ondas revoltas me arrebatã,
Além a terra perde-se... o navio
Trilha nos mares sobre um chão de prata!
Adeus! tudo que amei, que me retrata
Inda a saudade ao terno desvario!

XXXIX

Meu céu! minhas montanhas verdejantes!
Setim azul da languida bahia!
Manhãs cheias de brisas susurrantes,
Noites cheias de estrellas e ardentia!
Oh! noites de luar! oh! melodias
Que nas folhas gemeis, ventos errantes!

XL

Valles cheirosos onde a infancia minha
Virgem peregrinou entre mil sonhos!
Noites, luas, estrellas da noitinha
Que os labios entreabristes-me risonhos,
E orvalhaveis de morno sentimento
A aberta flôr dó coração sedento!

XLI

Silencio que eu amei, que eu procurava
Na varanda romantica e sombria,
Sorvendo dentro em mim ar que sentia
Na fresca viração que se acordava!
Suspirando a scismar n'essa atonia
Que de amor minhas palpebras banhava!

XLII

Sobre as columnas o luar batendo
E nas palmeiras humidas tremendo
Filtrava-me socego, e o molle engano
Em que se abysma o pensamento insano,
Que empallece da noite os sons bebendo
E harmonias escuta no Oceano!

XLIII

E vós, aguas do mar, que me embalava
Ao som dos remos da gentil falua!
Onde a fronte de escumas se banhava,
E á morta luz da vagabunda lua
Scismava como a nuvem que fluctua
De escravo á nenia estranha que soava!

XLIV

Oh! minha terra! oh! tarde recendente
Que embalsamando vens com teus cabellos
Derramados á luz! Ó sol ardente
Como os labios do amor! luares bellos
Como das flôres de laranja o cheiro
Que perfumam da noiva o travesseiro!

XLV

E adeus, vós que eu amei, que inda sentidas
As illusões me acordam na tristeza!
Que inda choro nas minhas despedidas!
Bellas dos sonhos! anjos de belleza!
Morenas a quem banha a morbidez!
Como as rosas da noiva empallecidas!

XLVI

Ai todos vos sonhei! candidos seios
Onde amor pranteára delirante!
Onde gera em derretido enleio
Como em seios de mãe sedento infante!
Aguas mysticas aonde estrellas santas
Deixaram trilhos das argenteas plantas!

XLVII

Como o triste Alcyon vaguêa errante
Nas frias primaveras do Oceano
E ama as alvas, a noite susurrante,
Tardes, ondas e sol e leviano
Na leviana affeição embriaga insano
A existencia nos seios o inconstante:

XLVIII

Eu todos vos amei! cri no mysterio
Que o libertino Don Juan levava,
Nas noites profanadas do adulterio,
Quando a alma sedenta evaporava!
E a vida como um alaude aerio
A todos os alentos entregava!

XLIX

Terra do amor! ó minha mãe! na vida
Se o fado me levar em magoa lenta —
Sempre n'esta saudade esmorecida
Que de tristes lembranças se alimenta! —
Na morte a minha fronte macilenta,
Inda a ti volverei qual flôr á vida!

L

Vivirei do que foi — dos sonhos meus! —
Da seiva do passado hei de essa flôr
Regar das quentes lagrimas do amor!
E quando a luz apague-se nos céos
E o frio coração á dôr succumba
Inda murmurarei — adeus! — da tumba!

POESIAS DIVERSAS

GLORIA MORIBUNDA

Une fille de joie attachait sur la borne.

TH. GAUFIER.

I

É uma visão medonha uma caveira?
Não tremas de pavor, ergue-a do lôdo.
Foi a cabeça ardente de um poeta,
Outr'ora á sombra dos cabellos louros.
Quando o reflexo do viver fogado
Alli dentro animava o pensamento,
Esta fronte era bella. Aqui nas faces
Formosa pallidez cobria o rosto;
N'essas orbitas -- ôcas, denegridas! --
Como era puro seu olhar son. rio!

Agora tudo é cinza. Resta apenas
A caveira que a alma em si guardava,
Como a concha no mar encerra a perola,
Como a caçoula a myrrha incandescente.

Tu outr'ora talvez désses-lhe um beijo,
Porque repugnas levantál-o agora?
Olha-o commigo! Que espaçosa frente!
Quanta vida allí dentro fermentava,
Como a seiva nos ramos do arvoredo!
E a séde em fogo das idéas vivas
Onde está? onde foi? Essa alma errante
Que um dia no viver passou cantando,
Como canta na treva um vagabundo,
Perdeu-se acaso no sombrio vento,
Como nocturna lampada apagou-se?
E a scintilha da vida, o electrismo
Que as fibras tremulantes agitava
Morreu para animar futuras vidas?

Sorris? eu sou um louco. As utopias,
Os sonhos da sciencia nada valem.
A vida é um escarneo sem sentido,
Comedia infame que ensanguenta o lôdo.
Ha talvez um segredo que ella esconde;
Mas esse a morte o sabe e o não revela.
Os tumulos são mudos como o vacuo.
Desde a primeira dôr sobre um cadaver.
Quando a primeira mãe entre soluços
Do filho morto os membros apertava
Ao offegante seio, o peito humano
Cahiú tremendo interrogando o tumulo...
E a terra sepulchral não respondia.

Levanta-me do chão essa caveira!
Vou cantar-te uma pagina da vida
De uma alma que penou, e já descansa.

II

— Por quem esperas tremula a deshoras,
Mulher da noite, na deserta rua?
A miseria venceu os teus orgulhos,
E vens na treva contractar teu leito?
Vem pois. És bella. Tens no rosto frio
A imagem das Madonas descoradas.
Vagabunda de amor, és bella e pallida.
Será dôce em teu seio de morena
Um momento sentir os meus suspiros
Estuantes nos labios doloridos.
Se inda podes amar, ergue-te ainda,
Une teu peito ao meu, pallida sombra! —

III

Era uma fronte olympica e sombria,
Núa ao vento da noite que agitava
As louras ondas do cabello solto;
Cabeça de poeta e libertino
Que togo incerto de embriaguez córava
Na fronte a pallidez, no olhar accêso
O lume errante de uma febre insana.

IV

— Mancebo, quem és tu?

— Que importa o nome?

Um poeta de santas harmonias
Que a Musa obscena do bordel profana.
Na apparição balsamica dos anjos
Porventura enlevei a mocidade.

Das virgens no cheiroso travesseiro
Porventura dormi... Meu Deus! que sonhos
Em seios que a innocencia adormecia,
Repousei minha fronte embevecida.
Amei, mulher! amei!

Que sêde intensa!
Seccou-se-me a torrente do deserto
Que as folhas de frescura borrifava.
Tudo! tudo passou... Amei... Embora!
Quero agora dormir nos teus joelhos.
N'essa esponja da vida inda uma gôtta
Talvez reste a meus labios anhelantes
Que me dê um assomo de ventura
E um leito onde morrer amando ainda.

E que vida, mulher! que dôr profunda,
Faminta como um verme aqui no peito!
Murcha desfalleceu a flôr da vida
E cedo morrerá... E vós, meus anjos,
Ó Virgem Santa, que eu amei, na lyra
A quem votei meu canto delirioso;
Amantes que eu sonhei, que eu amaria
Com todo o fogo juvenil que ainda
Me abraza o coração, porque fugistes,
Branças sombras, do céu das esperanças?

Oh! riamos da vida! tudo mente!
Os meus versos gottejem de ironias!
Esse mundo sem fé merece prantos?
Á orgia! na saturnal entre a loucura
Derrama o vinho somno e esquecimento.
Vinde, bellezas que a volupia inflamma!

Bebamos juntos... Cantarei de novo :
A minha alma nas azas do improviso,
Como as aves do céu, võe cantando...
Todos cahiram ebrios?... só eu resto?
Embora! em minha mão a lyra pulsa,
Meu peito bate, a inspiração agora
Canticos immortaes ao labio inspira,
Voae ao céu — não morrereis, meus cantos!

A gloria! a gloria! meu amor foi ella,
Foi meu Deus, o meu sangue... até meu genio...
E agora!... Além os sonhos d'esta vida!
Quando eu morrer, meus versos incendeiem!
Apague-se meu nome — e ao cadaver
Nem lagrima nem cruz o mundo vote.
Sou um impio (disseram-n'o!) pois deixem-me
Descansar no sepulchro!

Porque choras,
Descorada mulher? Sabes acaso
Quem é o triste, o malfadado obscuro
Que delira e desvaira aqui na treva
E tuas mãos aperta convulsivo?
Eu não te posso amar. Meu peito morto
É como a rocha que o oceano bate
E branqueia de escuma — alli não póde
Medrar a flôr cheirosa dos enlevos...
Teu amor... Eu descri até dos sonhos...
Demais dentro em tua alma eu vejo trevas,
Uma estrella de Deus não a illumina.
Quem pudéra nas ondas do passado,
Ditoso pescador, erguer no lodo
O ramo de coral de teus amores?

VI

Amei! amei! no sonho, nas vigílias
Esse nome gemi que eu adorava!
Votei amor a tudo quanto é bello!
Escuta... A rua é quêda. A noite escura
É negra comó um tumulo. Durmamos
No leito dos amores do perdido.
Vês? nem lua no céu!... tudo é medonho!
Nem estrella de luz!... — Silencio! Embora!
Escuta, anjo da noite! no meu peito
Não ouves palpar o som da vida?
Deixa encostar meus labios incendidos
No teu seio que bate. Vem, meu anjo!
A alma da formosura é sempre virgem!
Minha virgem — irmã — meu Deus! contigo
Oh! deixa-me viver! Eu sinto bella
A tua alma acordando reflectir-te
N'esses olhos tão negros d'Hespanhola.
Quero amar e viver — sonhar — em fogo
Meus frouxos dias exhaurir n'um beijo,
Derramar a teus pés os meus amores,
Minhas santas canções a ti erguêl-as,
A ti, e só a ti! —

VII

— Que tens? desmaias?
Que tens, mancebo?

— Nada. É cedo ainda.
Não é ella inda não. Chamei por ella...
Foi em vão... delirei...

— Por quem ?

— A morte.

— Morrer! pobre de ti, ó meu poeta!

— Se a morte é soffrimento, eu soffro tanto,
Que a mudança do mal será consolo;
Se a morte é somno, meu cansado corpo
No descanso eternal deixae que durma.

— Eu tambem soffro... mas a morte assusta.
Eu misera mulher nas amarguras
Descorei e perdi a formosura.
No amor impuro profanei minh'alma...
E n'esta vida não amei comtudo!
Não sou a virgem melindrosa e casta
Que nos sonhos da infancia os anjos beijam,
E entre as rosas da noite adormecêra
Tão pura como a noite e como as flôres;
Mas na minh'alma dorme amor ainda.
Levanta-me, poeta, dos abysmos
Até ao puro sol do amor dos anjos!
Ó minha vida, minha vida pura,
Porque foram tão breves da innocencia
Das crenças virginaes os bellos dias?
Chamei por Deus em vão. Sobre meu leito
Em vez do anjo do céo senti gelada
Sombra desconhecida vir sentar-se,
Em beijos frios roxear meus labios,
Em braços de morte unir-me ao seio.
Doida! chamei por Deus! a meu reclamo
Veiu o torvo Satan... Oh! não maldigas
A misera que os seios innocentes

Entregou sem pudor a mãos impuras :
Eram taças de Deus... eu bem sabia!
Mas todo o pesadello do passado
Foi uma horrenda sina... tudo aquillo
Escrevêra Satan... —

VIII

— Fatalidade!

E' pois a voz unanime dos mundos,
Das longas gerações que se agonizam,
Que sobe aos pés do Eterno como incenso ?
Serás tu como os bonzos te fingiram ?
Sublime Creador, porque engeitaste
A pobre criação ? porque a fizeste
Da argila mais impura e negro lodo,
E a lançaste nas trevas errabunda
Co'a pallidez na fronte como anathema,
Qual lança a borboleta a raça d'oiro
No pantano e no sangue ?

Tudo é sina !

O crime é um destino — o genio, a gloria
São palavras mentidas — a virtude
É a mascara vil que o vicio cobre.
O egoismo ! eis a voz da humanidade.
Fôste sublime, Creador dos mundos !

IX

Tudo morre, meu Deus ! No mundo exausto
Bastardas gerações vagam descritas.
E a arte se vendeu, essa arte santa
Que crava de joelhos e vertia

O seu raio de luz e amor no povo,
E o genio soluçando e moribundo
Olvidou-se da vida e do futuro
E blasphema lutando na agonia.
Agonia de morte! Só em torno
No leito do morrer as almas gemem.
E o phantasma da morte gela tudo.
Porque um ardente amor não mais suspira
Notas do coração pelo silencio
Da noite enamorada? A chamma pura
Porque das almas se apagou nas cinzas?
E a lyra do poeta, se murmura
As illusões de um mundo visionario,
Porque estala tão cedo? Vagabundo
Adormeci das arvores na sombra
E nos campos em flôr errei sonhando,
Coroando-me dos lyrios da alvorada.
Arvore prateada da esperança,
Sombra das illusões, ó vida bella
E sempre bella, e no morrer ainda,
Porque pousei a fronte sobre a relva
Á sombra vossa, delirante um dia?
Oh! que morro tambem! na noite d'alma
Sinto-o no peito que um ardor consome,
No meu genio que apaga-se nas orgias,
Que foge o mundo, e o sepulchro teme...
Exilei-me dos homens blasphemando...
Concentrei-me no fundo desespero,
E exausto de esperança e zombarias
Como um corpo no tumulo lancei-me,
Suicida da fé, no vicio impuro.

E o mundo? não me entende. Para as turbas
Eu sou um doido que se aponta a dedo.

A gloria é essa. P'ra viver um dia
Troquei o manto de cantor divino
Pelas roupas do insano.— Os sons profundos
Ninguém os applaudia sobre a terra.
Para um pouco de pão ganhar da turba,
Como teu corpo no bordel profanas,
— Fiz mais ainda!— prostitui meu genio!
Oh! ditoso Fylintho! elle sim pode
Na miseria guardar seu genio puro;
Nunca infame beijou a mão dos grandes:
Morreu como Camões, morreu sem nodoa!
Mas eu! A voz do vicio arrebatou-me,
Fascinou-me da infamia o reverbero...
Maldições sobre mim! Abre-te, ó campá!
Alli obscuro dormirei na treva.

XI

O' santa inspiração! fada nocturna,
Porque a fronte não beijas do poeta?
Porque não lhe descanças nos cabellos
A corôa dos sonhos, e rebentam-lhe
Entre as lividas mãos uma por uma
As cordas do alaúde no vibrá-las?
O' santa inspiração! porque nas sombras
Não escuta o poeta á meia-noite
Os sons perdidos da harmonia santa
Que o pobre coração de amor lhe enchiam?

Eu fui á noite da taverna á meza
Bater meu copo á taça do bandido,
Na louca saturnal beber com elle,
Ouvir-lhe os cantos da sangrenta vida
E as lendas de punhal e morticinio.

De vinho e febre pallido deitei-me
Sobre o leito venal de uma perdida...
Comprimi-a no meu exausto peito,
Falei-lhe em meu amor, contei-lhe sonhos,
Do meu passado a flôr, as glorias murchas
E os longos beijos da primeira amante...

Amor! amor! meu sonho de mancebo!
Minha sêde! meu canto de saudade!
Amor! Meu coração, labios e vida
A ti, sol do viver, erguem-se ainda,
E a ti, sol do viver, erguem-se embalde!

Ouvi, ouvi no leito da miseria
A pallida mulher junto a meu peito
Contar-me seus amores que passaram,
Falar-me de purezas, d'esperanças...
E soluçava a triste, e ardentes, longas,
As lagrimas em fio deslizando
Eu vi cahindo sobre o seio d'ella...
Oh! suas emoções, humidos beijos,
Dos seios o tremor, aquelles prantos,
E os offegantes ais... eram mentira!...

XII

Ah! vem, alma sombria que pranteias!
Por quem choras? Por mim? Em vez de prantos
Deixa-me suspirar a teus joelhos.
Tu sim és pura. Os anjos da innocencia
Poderiam amar sobre teu seio.
Aperta minha mão! Senta-te um pouco
Bem unida a minha alma em meus joelhos;
Assim parece que um abraço aperta

Nossas almas que soffrem. Revivamos!
 O passado é um sonho — o mundo é largo,
 Fugiremos a patria. Iremos longe
 Habitar n'um deserto. No meu peito
 Eu tenho amores para encher de encantos
 Uma alma de mulher. . . Porque sorriste?
 Sou um louco. Maldita a folha negra
 Em que Deus escreveu a minha sina. . .
 Maldita minha mãe, que entre es joelhos . . .
 Não soubestê apertar, quando eu nascia,
 O meu corpo infantil! Maldita! . . .

XIII

Escuta.

Sinto uma voz no peito que suspira.
 É a alma do poeta que desperta
 E canta como as aves acordando.
 Oh! cantemos! até que a morte fria
 Gele nos labios meus o ultimo canto!
 Um cantico de amor, ó minha lyra!
 Annalia! Armia! aparições formosas!
 Eu amei sobre a terra as vossas sombras,
 O ideal que vos anima eu buscava,
 Vive apenas no céu! vou entre os anjos,
 Entre os braços da morte amar com elles!—

XIV

O poeta a tremer cahiu no lodo.
 A perdidã tomou-lhe a fronte branca,
 Pôl-a ao collo — era livida — inda o fogo
 Lá dentro vacillava agonisando,
 Como fluctua a claridão da lampada
 Apagando-se ao vento.

E quando a aurora,
 Nos céos de nacar acordava o dia,
 E nas nuvens azues o sol purpureo
 Se embalava no effluvio de ventura
 Das flôres que se abriam, dos perfumes,
 Da briza morna que tremia as folhas,
 Macilenta a mulher no chão da rua
 Sentada, a fronte curva, sobre os seios
 Embalava cantando aquelle morto.

Na manta o encobriu. Medrosa a furto.
 A infeliz o beijou — o pobre amante
 Que uma noite pernoitou com ella
 Para aos pés lhe morrer — e sem ao menos
 Nas faces d'ella estremecer um beijo.

Alguem que alli passou, vendo-a tão pallida
 Sentada sobre a lage, e tão ardente,
 Chegou ao pé — ergueu ao malfadado
 A manta.

Como subito acordando

Disse a moça a tremer:

— Deixa-o agora

Elle penou de febre toda a noite,
 Deitou-se descançando sobre o leito...
 Oh! deixa-m'o dormir.

— Mulher, no peito

Sabes quem te dormiu?

— “Que importa o nome?”

Assim falava-me...

Ai de ti, miserrima!

Um poeta morreu. Fronte divina,
Alma cheia de sol, fronte sublime
Que de um anjo devêra nõ regaço
Amorosa viver. . . Morreu Bocage!

NO MAR

Les étoiles s'allument au ciel, et la brise
du soir erre doucement parmi les fleurs :
rêvez, chantez et soupirez

GEORGE SAND.

Era de Noite — dormias
De sonho nas melodias,
Ao fresco da viração;
Embalada na falúa,
Ao frio clarão da lua,
Aos ais do meu coração!

Ah! que véo de pallidez
Da langue face na tez!
Como teus seios revoltos
Te palpitavam sonhando!
Como eu scismava beijando
Teus negros cabellos soltos!

Sonhavas? — Eu não dormia ;
A minh'alma se embebia
Em tua alma pensativa!
E tremias, bella amante,
A meus beijos, semelhante
Ás folhas da sensitiva!

E que noite! que luar!
E que ardentias no mar!
E que perfumes no vento!
Que vida que se bebia
Na noite que parecia
Suspirar de sentimento!

Minha rôla, ó minha flôr,
Ó madresilva de amor!
Como eras saudosa então!
Como pallida sorrias
E no meu peito dormias
Aos ais do meu coração!

E que noite! que luar!
Como a brisa a soluçar
Se desmaiava de amor!
Como toda evaporava
Perfumes que respirava
Nas lorangeiras em flôr!

Suspiravas? que suspiro!
Ai que ainda me deliro
Sonhando a imagem tua
Ao fresco da viração
Aos ais do meu coração,
Embalada na falúia!

Como virgem que desmaia
Dormia a onda na praia!
Tua alma de sonhos cheia
Era tão pura, dormente,
Como a vaga transparente
Sobre seu leito de areia!

Era de noite — dormias,
Do sonho nas melodias,
Ao fresco da viração;
Embalada na falúia
Ao frio clarão da lua,
Aos ais do meu coração!

SONHANDO

Hier, la nuit d'été qui nous prêtait ses voiles
Était digne de toi, tant elle avait d'étoiles!

V. Hugo.

Na praia deserta que a lua branqueia
Que mimo! que rosa, que filha de Deus!
Tão pallida — ao vê-a meu ser devaneia,
Suffoco nos labios os halitos meus!

Não corras na areia,
Não corras assim!
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

A praia é tão longa! e a onda bravia
As roupas de gaza te molha de escuma;
De noite — aos serenos — a areia é tão fria,
Tão humido o vento que os ares perfuma!

És tão doentia!
Não corras assim!
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

E o pallido mimo da minha paixão
N'um longo soluço tremeu e parou;
Sentou-se na praia; sózinha no chão
A mão regelada no collo pousou!

Que tens, coração,
Que tremes assim?
Cansaste, donzella?
Tem pena de mim!

Deitou-se na areia que a vaga molhou.
Immovel e branca na praia dormia;
Mas nem os seus olhos o somno fechou
E nem o seu collo de neve tremia.

O seio gelou!...
Não durmas assim!
Ó pallida fria,
Tem pena de mim!

Dormia — na frente que niveo suar!
Que mão regelada no languido peito!
Não era mais alvo seu leito do mar,
Não era mais frio seu gelido leito!

Nem um resomnar!...
Não durmas assim!
Ó pallida fria,
Tem pena de mim!

Aqui no meu peito vem antes sonhar
Nos longos suspiros do meu coração:
Eu quero em meus labios teu seio aqueçar,
Teu collo, essas faces, e a gelida mão!

Não durmas no mar!
Não durmas assim,
Estatua sem vida,
Tem pena de mim!

E a vaga crescia seu corpo banhando,
As candidas fórmas movendo de leve!
E eu vi-a suave nas aguas boiando
Com soltos cabellos nas roupas de neve!
 Nas vagas sonhando
 Não durmas assim;
 Donzella, onde vaes?
 Tem pena de mim!

E a imagem da virgem nas aguas do mar
Brilhava tão branca no limpido véo!
Nem mais transparente luzia o luar
No ambiente sem nuvens da noite do céo
 Nas aguas do mar
 Não durmas assim!
 Não morras, donzella,
 Espera por mim!

AI JESUS!

Ai Jesus! não vês que gemo.
Que desmaio de paixão
Pelos teus olhos azues?
Que empallideço, que tremo,
Que me expira o coração?
Ai Jesus!

Que por um olhar, donzella,
Eu poderia morrer
Dos teus olhos pela luz?
Que morte! que morte bella!
Antes seria viver!
Ai Jesus!

Que por um beijo perdido
Eu de goso morreria
Em teus niveos seios nús?
Que no oceano d'um gemido
Minh'alma se affogaria?
Ai Jesus!

ANJINHO

And from her fresh and unpolluted flesh
May violets spring!

Hamlet.

Não chorem! que não morreu!
Era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina.
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Pobre creança! dormia:
A belleza reluzia
No carmim da face d'ella!
Tinha uns olhos que choravam,
Tinha uns risos que encantavam!
Ai meu Deus! era tão bella!

Um anjo d'azas azues.
Todo vestido de luz,
Sussurrou-lhe n'um segredo
Os mysterios de outra vida!
E a creança adormecida
Sorria de se ir tão cedo!

Tão cedo! que ainda o mundo
O labio visguento, immundo,
Lhe não passára na roupa!
Que só o vento do céu
Batia do barco seu
As vélas d'ouro da poupa!

Tão cedo! que o vestuario
Levou do anjo solitario
Que velava seu dormir!
Que lhe beijava risonho
E essa florzinha no sonho
Toda orvalhava no abrir!

Não chorem! lembro-me ainda
Como a creança era linda
No frio da facezinha!
Com seus labios azulados,
Com os seus olhos vidrados
Como de morta andorinha!

Pobresinho! o que soffreu!
Como convulso tremeu
Na febre d'essa agonia!
Nem gemia o anjo lindo,
Só os olhos expandindo
Olhar alguém parecia!

Era um canto de esperança
Que emballava essa creança?
Alguma estrella perdida,
Do céu c'rôada donzella,
Toda a chorar-se por ella
Que a chamava d'outra vida?

Não chorem, que não morreu!
Que era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento vôou!

Era uma alma que dormia
Da noite na ventania,
E que uma fada acordou!
Era uma flôr de palmeira
Na sua manhã primeira
Que um céo d'inverno murchou!

Não chores, abandonada
Pela rosa perfumada!
Tendo no labio um sorriso
Ella foi-se mergulhar
— Como perolá no mar —
Nos sonhos do paraíso!

Não chores! chora o jardim
Quando murchado o jasmim
Sobre o seio lhe pendeu?
E pranteia a noite bella
Pelo astro ou a donzella,
Mortos na terra ou no céo?

Choram as flôres no afan,
Quando a ave da manhã
Estremece, cahe, esfria?
Chora a onda quando vê
A boiar uma irerê
Morta ao sol do meio dia?

Não chores! que não morreu!
Era um anjinho do céo
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento vôou!

ANJOS DO MAR

As ondas são anjos que dormem no mar,
Que tremem, palpitam, banhados de luz:
São anjos que dormem, a rir e sonhar
E em leito de espuma revolvem-se nós!

E quando de noite vem pallida lua
Seus raios incertos tremer, pratear,
E a trança luzente da nuvem fluctua,
As ondas são anjos que dormem no mar!

Que dormem, que sonham — e o vento dos céos
Vem tépido á noite nos seios beijar!
São meigos anjinhos, são filhos de Deus,
Que ao fresco se embalam do seio do mar!

E quando nas aguas os ventos suspiram
São puros fervores de ventos e mar:
São beijos que queimam... e as noites deliram,
E os pobres anjinhos estão a chorar!

Ai! quando tu sentes dos mares na flôr
Os ventos e vagas gemer, palpitar,
Porque não consentes, n'um beijo de amor,
Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

I

Tenho um seio que delira
Como as tuas harmonias !
Que treme quando suspira,
Que geme como gemias !

II

Tenho musicas ardentes,
Ais do meu amor insano,
Que palpitam mais dormentes
Do que os sons do teu piano !

III

Tenho cordas argentinas
Que a noite faz acordar,
Como as nuvens peregrinas
Das gaivotas do alto mar !

IV

Como a teus dedos lindinhos
O teu piano gemeu,
Vibra-me o seio aos dedinhos,
Dos anjos loiros do céo !

V

Vibra á noite no mysterio,
Se o banha o frouxo luar,
Se passa teu rosto aereo
No vaporoso sonhar!

VI

Como tremem teus dedinhos
O saudoso piano teu,
Vibram-me n'alma os anjinhos,
Os anjos loiros do céo!

A CANTIGA DO SERTANEJO

Love me and leave me not,
SHAKESPEARE. *Merch. of Venice.*

Donzella! se tu quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração!
E se ouviras o desejo
Do amoroso sertanejo
Que descora de paixão!

Se tu viesses commigo
Das serras ao desabrigo
Aprender o que é amar
— Ouvil-o no frio vento,
Das aves no sentimento,
Nas aguas e no luar!

— Ouvil-o n'essa viola,
Onde a modinha hespanhola
Sabe carpir e gemer!
Que pelas horas perdidas
Tem cantigas doloridas,
Muito amor! muito doer!...

Pobre amor! o sertanejo
Tem apenas seu desejo
E as noites bellas do val!
Só — o ponche adamascado,
O trabuco prateado
E o ferro de seu punhal!

E tem — as lendas antigas
E as desmaiadas cantigas
Que fazem de amor gemer!
E nas noites indolentes
Bebe canticos ardentes
Que fazem estremecer!

Tem mais — na selva sombria
Das florestas a harmonia,
Onde passa a voz de Deus,
E nos ralentos da serra
Pernoita na sua terra,
No leito dos sonhos seus!

Se tu viesses, donzella,
Verias que a vida é bella
No deserto do sertão!
Lá tem mais aroma as flôres
E mais amor os amores
Que falam no coração!

Se viesses innocente
Adormecer docemente
Á noite no peito meu!
E se quizesse commigo
Vir sonhar no desabrigo
Com os anjinhos do céu!

É doce na minha terra
Andar, scismando, na serra
Cheia de aroma e de luz,
Sentindo tôdas as flôres,
Bebendo amor nos amores
Das borboletas azues!

Os veados da campina
Na lagôa, entre a neblina,
São tão lindos a beber!
Da torrente nas corôas
Ao deslisar das canôas
É tão doce adormecer!

Ah! se viesses, donzella,
Verias que a vida é bella
No silencio do sertão!
Ah! morena! se quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração!

Junto ás aguas da torrente
Sonharias indolente
Como n'um seio d'irmã!
— Sobre o leito de verduras
O beijo das creaturas
Súspira com mais afan!

E da noitinha as aragens
Bebem nas flôres selvagens
Effluviosa fresquidão!
Os olhos tem mais ternura,
E os ais da formosura
Se embebem no coração!

E na caverna sombria
Tem um ai mais harmonia
E mais fogo o suspirar!
Mais fervoroso o desejo
Tae sobre os labios n'um beijo
Enlouquecer, desmaiar!

E da noite nas termaras
A paixão tem mais venturas
E fala com mais ardor!
E os perfumes, o luar,
E as aves a suspirar,
Tudo canta e diz amor!

Ah! vem! amemos! vivamos!
O enlevo do amor bebamos
Nos perfumes do sertão!
Ah! virgem, se tu quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração!...

Dreams ! dreams ! dreams !

W. COWPER.

Quando á noite no leito perfumado
Languida fronte no sonhar reclinas,
No vapor da illusão porque orvalha
Pranto de amor as palpebras divinas ?

E, quando eu te contemplo adormecida
Solto o cabelo no suave leito.
Porque um suspiro tépido resomna
E desmaia suavissimo em teu peito ?

Virgem do meu amor. o beijo a furto
Que pouso em tua face adormecida
Não te lembra no peito os meus amores
E a febre de sonhar de minha vida ?

Dorme, ó anjo de amor ! no teu silencio
O meu peito se afoga de ternura
E sinto que o porvir não vale um beijo
E o céo um teu suspiro de ventura !

Um beijo divinal que accende as veias,
Que de encantos os olhos illumina,
Colhido a medo como flôr da noite
Do teu labio na rosa purpurina,

E um volver de teus olhos transparentes,
Um olhar d'essa palpebra sombria,
Talvez podessem reviver-me n'alma
As santas illusões de que eu vivia!

O POETA

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur !

A. DE MUSSET.

Era uma noite — eu dormia
E nos meus sonhos revia
As illusões que sonhei!
E no meu lado senti...
Meu Deus! porque não morri?
Porque do somno accordei?

No meu leito — adormecida,
Palpitante e abatida,
A amante de meu amor!
Os cabellos recendendo
Nas minhas faces correndo
Como o luar n'uma flôr!

Senti-lhe o collo cheiroso
Arquejando sequioso;
E nos labios, que entr'abria
Languida respiração,
Um sonho do coração
Que suspirando morria!

Não era um sonho mentido ;
Meu coração illudido
O senti e não sonhou :
E senti que se perdia
N'uma dôr que não sabia...
Nem ao menos a beijou !

Soluçou o peito ardente,
Senti que a alma demente
Lhe desmaiava a tremer :
Embriagou-se de enleio,
No somno d'aquelle seio
Pensou que elle ia morrer !

Que divino pensamento ;
Que vida n'um só momento
Dentro do peito senti...
Não sei... Dorme no passado
Meu pobre sonho dourado...
Esperança que mentiu !

Sabem as noites do céu
E as luas brancas sem véo
As lagrimas que eu chorei !
Contem do valle as florinhas
Esse amor das noites minhas !
Ellas sim... eu não direi !

E se eu tremendo, senhora,
Viesse pallido agora
Lembrar-vos o sonho meu.
Com a fronte descorada
E com a voz suffocada
Dizer-vos baixo — Sou eu !

Sou eu! que não esqueci
A noite que não dormi,
Que não foi uma illusão!
Sou eu que sinto morreo
A esperança de viver. . .
Que o sinto no coração! —

Ririeis das esperanças,
Das minhas loucas lembranças,
Que me desmaiam assim?
Ou então, de noite, a medo
Chorarieis em segredo
Uma lagrima por mim!

Dorme, meu coração! em paz esquece
Tudo, tudo que amaste n'este mundo!
Sonho taltaz de tímida esperança
Não interrompa teu dormir profundo!
Tradução de Dr. Octaviano.

Fui um doido em sonhar tantos amores.
Que loucura, meu Deus!
Em expandir-lhe aos pés, pobre insensato.
Todos os sonhos meus!

E ella, triste mulher, ella tão bella.
Dos seus annos na flôr,
Porque havia sagrar pelos meus sonhos
Um suspiro de amor?

Um beijo — um beijo só! eu não pedia
Senão um beijo seu,
E nas horas do amor e do silencio
Juntal-a ao peito meu!

Foi mais uma illusão! de minha fronte
Rosa que desbotou,
Uma estrella de vida e de futuro
Que riu... e desmaiou!

Meu triste coração, é tempo, dorme,
Dorme no peito meu!
Do ultimo sonho despertei, e n'alma
Tudo! tudo morreu!

Meu Deus! porque sonhei, e assim por ella
Perdi a noite ardente,
Se devia acordar d'essa esperança,
E o sonho era demente?...

Eu nada lhe pedi — ousei apenas
Junto d'ella — á noitinha
Nos meus delirios apertar tremendo
A sua mão na minha!

Adeus, pobre mulher! no meu silencio,
Sinto que morrerei...
Se rias d'esse amor que te votava,
Deus sabe se te amei!

Se te amei! se minha alma só queria
Pela tua viver,
No silencio do amor e da ventura
Nos teus labios morrer!

Mas vota ao menos no lembrar saudoso
Um ai ao sonhador...
Deus sabe se te amei!... Não te maldigo,
Maldigo o meu amor!...

Mas não... inda uma vez... não posso ainda
Dizer o eterno adeus

- E a sangue-frio renegar dos sonhos
E blasphemar de Deus!

Oh! fala-me de amor — e quero crer-te
Um momento sequer!

- E esperar na ventura e nos amôres,
N'um olhar de mulher!

Só um olhar por compaixão te peço.
Um olhar, mas bem languido, bem terno
.....
Quero um olhar que me arrebate o siso,
Me queime o sangue, m'escureça os olhos,
Me toque delirante!

ALMEIDA FREITAS.

Sur votre main jamais votre front ne se pose,
Brulant, chargé d'ennuis, ne pouvant soutenir
Le poids d'un douloureux et cruel souvenir;
Votre cœur virginal en lui-même repose.

TH. GAETIER.

Ricorditi de mi.....

DANTE. *Purgatorio.*

Quando falo contigo, no meu peito
Esquece-me esta dôr que me consome:
Talvez corre o prazer nas fibras d'alma:
E eu ousa ainda murmurar teu nome!

Que existencia, mulher! se tu souberas
A dôr de coração do teu amante,
E os ais que pela noite, no silencio,
Arquejam no seu peito delirante!

E quanto soffre e padeceu, e a febre
Como seus labios desbotou na vida.
E sua alma cansou na dôr convulsa
E adormeceu na cinza consumida!

Talvez terias dó da magoa insana
Que minh'alma votou ao desalento,
E consentira a virgem dos amores
Descansar-me no seio um só momento!

Sou um doido talvez de assim amar-te,
De murchar minha vida no delirio ...
Se nos sonhos de amor nunca tremeste
Sonhando meu amor e meu martyrio!

— E não pude, febril e de joelhos,
Com a mente abrazada e consumida,
Contar-te as esperanças do meu peito
E as dôces illusões de minha vida!

Oh! quando eu te fitei, sedente e louco,
Teu olhar que meus sonhos allumia,
Eu não sei se era vida o que minh'alma
Enlevava de amor e adormecia!

Oh! nunca em fogo teu ardento seio
A meu peito juntei que amor definha!
A furto apenas eu senti medrosa
Tua gelida mão tremer na minha!...

Tem pena, anjo de Deus! deixa que eu sinta
N'um beijo esta minha alma enlouquecer
E que eu viva de amor nos teus joelhos.
E meves no teu seio o meu viver!

Sou um doudo, meu Deus! mas no meu peito
Tú sabes se uma dôr, se uma lembrança
Não queria calar-se a um beijo d'ella,
Nes seios d'essa pallida creança!

Se n'um languido olhar, no véo de goso
Os olhos de Hespanhola a furto abrindo
Eu não tremia — o coração ardente
No peito exausto remoçar sentindo!

Se no momento ephemero e divino
Em que a virgem prantêa desmaiando
E a c'rôa virginal a noiva esfolha,
Eu queria a seus pés morrer chorando

Adeus! rasgou-se a pagina saudosa
Que teu porvir de amor no meu fundia,
Gelou-se no meu sangue moribundo
Essa gôtta final de que eu vivia!

Adeus, anjo de amor! tu não mentiste!
Foi minha essa illusão, e o sonho ardente:
Sinto que morrerei... tu dorme e sonha
No amor dos anjos, pallida innocente!

Mas se um dia... se a nódoa da existencia
Murchar teu calix orvalhoso e cheio,
Flôr que não respirei, que amei sonhando,
Tem saudades de mim, que eu te pranteio!

SONETO

Pallida á luz da lampada sombria
Sobre o leito de flôres reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ella dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
Pela maré das aguas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bella! o seio palpitando...
Negros olhos as palpebras abrindo...
Fórmias núas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti — as noites eu velei chorando,
Por ti — nos sonhos ~~morrerei~~ sorrindo!

TRINDADE

A *vida* é uma planta mysteriosa
Cheia d'espinhos, negra de amarguras
Onde só abrem duas flôres puras,
Poesia e amor...

E a *mulher*... é a nota suspirosa
Que treme d'alma a corda estremecida.
— É fada que nos leva além da vida
Pallidos de languor!

A *poesia* é a luz da mocidade —
O amor é o poema dos sentidos,
A febre dos momentos não dormidos
E o sonhar da ventura...

Voltae, sonhos de amor e de saudade!
Quero ainda sentir arder-me o sangue,
Os olhos turvos, o meu peito langue
E morrer de ternura!

INDICE

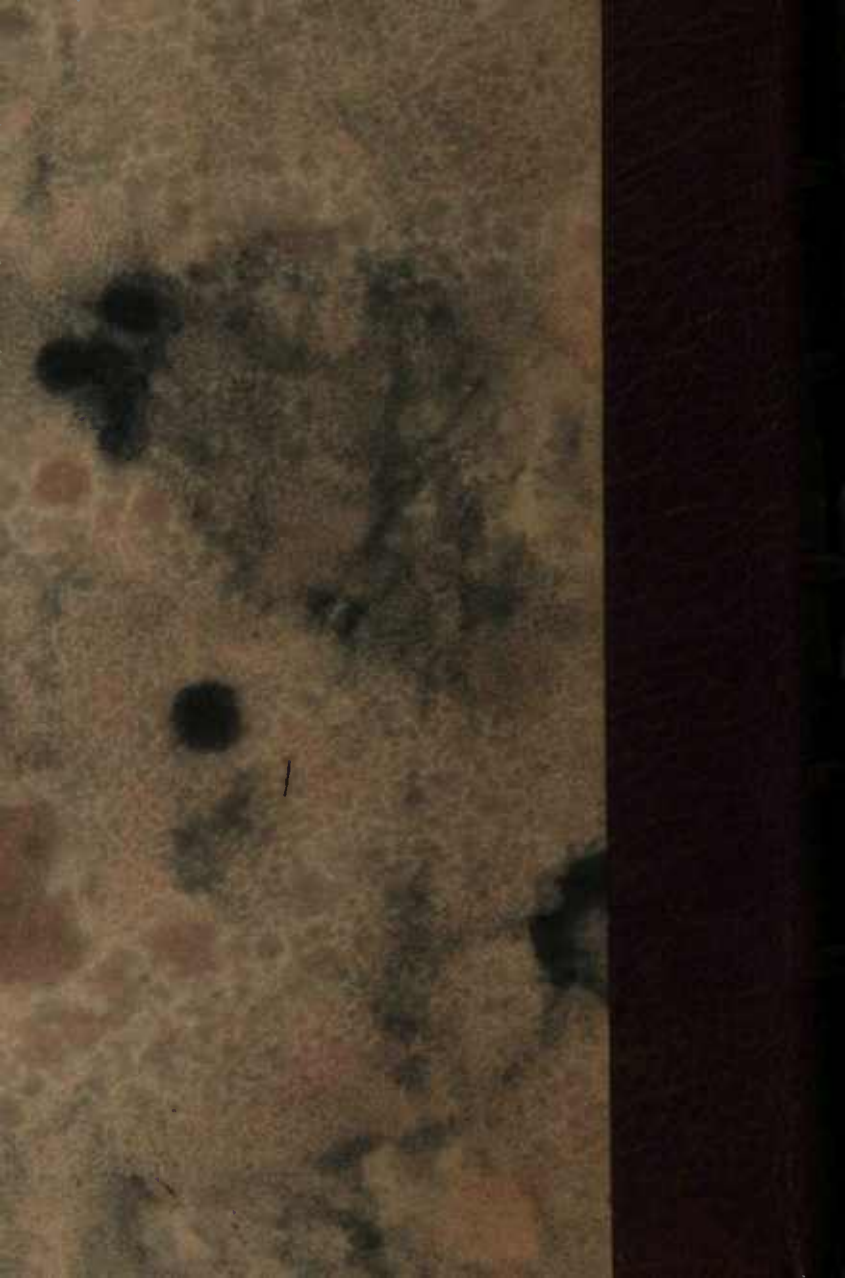
Noticia biographica	3
-------------------------------	---

O POEMA DO FRADE

Canto primeiro	13
Canto segundo	25
Canto terceiro	35
Canto quarto!	57
Canto quinto.	67

POESIAS DIVERSAS

Gloria moribunda	81
No mar	95
Sonhando	98
Ai Jesus!	101
Anjinho.	102
Anjos do mar	106
A cantiga do Sertanejo	110
O poeta.	116
Soneto	125
Trindade	126



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).